

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE HISTÓRIA – BACHARELADO**

LYSSIA ALVES DE OLIVEIRA RIBEIRO CHAVES

**CARMILLA: A MULHER LÉSBICA ENTRE A TRANSGRESSÃO E O CASTIGO NA
ERA VITORIANA**

MACEIÓ

2021

LYSSIA ALVES DE OLIVEIRA RIBEIRO CHAVES

**CARMILLA: A MULHER LÉSBICA ENTRE A TRANSGRESSÃO E O CASTIGO NA
ERA VITORIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em História,
pelo curso de História da Universidade
Federal de Alagoas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Claudia
Aymoré Martins

MACEIÓ

2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

C512c Chaves, Lyssia Alves de Oliveira Ribeiro
Carmilla : a mulher lésbica entre a transgressão e o castigo na era vitoriana /
Lyssia Alves de Oliveira Ribeiro Chaves. – 2021.
66 f. : il.

Orientadora: Ana Cláudia Aymoré Martins.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História : bacharelado)
– Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas,
Comunicação e Artes. Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 66.

1. Le Fanu, Joseph Sheridan, 1814-1873. Carmilla. 2. Homossexualidade. 3.
Lesbianidade na literatura. 4. Vampiros na literatura. I. Título.

CDU: 82-312.9



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE HISTÓRIA

TERMO DE APROVAÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “*Carmilla: a mulher lésbica entre a transgressão e o castigo na Era Vitoriana*”, elaborado por LYSSIA ALVES DE OLIVEIRA RIBEIRO CHAVES e aprovado por todos os membros da Banca Examinadora, cumprindo as exigências para obtenção do título de Bacharelado em História.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.(a) _____
Orientadora: Ana Claudia Aymoré Martins

Prof.(a) _____
1º Examinador: Elias Ferreira Veras

Prof.(a) _____
2º Examinador: Raquel de Fátima Parmegiani

Maceió, Alagoas
01/06/2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família: Helena (um agradecimento especial a minha mãe que é o amor da minha vida), Helder, Iracema, Glória e Vinícius, por todo o apoio e suporte, e agradeço também a todos/as aqueles que direta ou indiretamente participaram da minha formação. Agradeço principalmente minha avó Maria do Céu Ribeiro Chaves, pois sem ela eu não teria chegado aonde eu cheguei, a ela o meu muitíssimo obrigada.

Agradeço também a todos/as os/as professores/as do curso de história da Ufal, principalmente à professora Ana Claudia Aymoré Martins, minha orientadora nesse trabalho, que sem sua ajuda não teria ficado pronto. Como também agradeço, desde já, ao professor Elias Ferreira Veras e à professora Raquel de Fátima Parmegiani, que constituirão a minha banca.

Muito obrigada.

RESUMO

No presente trabalho será tecida uma análise sobre *Carmilla*, uma novela de ficção gótica do escritor irlandês Joseph Sheridan Le Fanu (1814-1873). A abordagem apresentada no decorrer desse texto se refere a uma busca por compreender a dinamicidade dessa obra que representa um clássico da literatura gótica oitocentista, precursora de uma abordagem temática que considera pontos relevantes sobre a sexualidade feminina e suas múltiplas nuances, e como a natureza feminina foi atrelada ao misticismo, além de abordar a história dos/as vampiros/as ao longo dos séculos e a construção no que ele viria a ser na contemporaneidade, quando o mito assume as formas literárias mais notórias, como a do Conde Drácula. Nesse contexto, é pertinente que se diga que a contextualização apresentada no decorrer desse texto a respeito da construção histórica do mito do vampiro, com características singulares frequentemente atreladas às relações entre sexualidade e monstrosidade, tem o intuito de evidenciar o modo como essa narrativa infere ainda nos dias de hoje a necessidade de um olhar mais cuidadoso e certo sobre a questão da homossexualidade, em especial a lesbianidade. Contudo, a atualidade da narrativa de Le Fanu não obscurece os pontos específicos sobre a sexualidade feminina e o lugar da mulher na era vitoriana, quando sua luta por direitos perante o patriarcado apenas se iniciava.

Palavras-Chave: Carmilla. Homossexualidade. Lesbianidade. Mito do Vampiro.

ABSTRACT

In the present work, an analysis of *Carmilla*, a gothic fiction novel by Irish writer Joseph Sheridan Le Fanu (1814-1873), will be made. The approach to assist in the course of this text refers to a search to understand the dynamics of this work that represents a classic of the 19th century Gothic literature, the precursor of a thematic approach that considers relevant points about female sexuality and its multiple nuances, and how the female nature was linked to mysticism, in addition to addressing the history of vampires over the centuries and the construction of what it would become in contemporary times, when the myth takes on more notorious literary forms, such as *Count Dracula*. In this context, it is pertinent to say that the contextualization presented in the course of this text regarding the historical construction of the myth of the vampire, with singular characteristics often linked to the relationships between sexuality and monstrosity, has the intention of showing the way in which this narrative still infers nowadays the need for a more careful and accurate look at the issue of homosexuality, especially lesbianity. However, the timelessness of Le Fanu's narrative does not obscure specific points about female sexuality and the place of women in the Victorian era, when their struggle for rights before the patriarchy was just beginning.

Keywords: *Carmilla*. Homosexuality. Lesbianity. The Vampire Myth.

SUMÁRIO

| | | |
|---|--|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 6 |
| 2 | CAPÍTULO I – “AMIZADES APAIXONADAS” E AS HOMOSSEXUALIDADES NA ERA VITORIANA..... | 8 |
| 3 | CAPÍTULO II – O MITO DO VAMPIRO..... | 23 |
| 4 | CAPÍTULO III – CARMILLA E LAURA: UMA REPRESENTAÇÃO VAMPIRESCA DO AMOR LÉSBICO | 43 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 65 |
| | REFERÊNCIAS | 66 |

1 INTRODUÇÃO

O meu interesse pelo tema surgiu devido à uma web série canadense, chamada *Carmilla*¹, que vi no canal do YouTube KindaTV, foi meu primeiro contato com algo relacionado à *Carmilla*.

Depois que assisti a série, eu vi que ia ter o filme também, e fui pesquisar pra acha-lo ou pelo menos saber a data de estreia, foi quando descobri que a série provinha do livro *Carmilla* do Sheridan Le Fanu, e como geralmente o livro sempre é melhor que a série, acabei pegando o livro para ler, o que me abriu para a possibilidade de transformar isso no meu TCC.

A novela *Carmilla*, do escritor irlandês Joseph Sheridan Le Fanu (publicada originalmente em capítulos na revista *Dark Blue* entre 1871 e 1872), traz em sua temática a abordagem complexa que envolve em toda a trama reflexões que aludem a elementos fantásticos recorrentes na literatura gótica, como o mito do vampiro, e termos presentes e marcantes na história, como a homossexualidade, por exemplo.

Compreendendo a diversidade temática e a amplitude de abordagens que caracteriza um texto literário, e a necessidade de se analisar a história sob variadas vertentes, é que o texto aqui apresentado, busca, em seu decorrer, analisar, através das interrelações entre a obra ficcional e o contexto histórico de referência, a percepção dos temas recorrentes que surgem expostos em *Carmilla*, observando para tanto a contribuição de cada um deles para a criação de um conjunto narrativo intrincado, que mostra com sutileza os reflexos de uma relação pujante e articulada, embora considerada perigosa, entre a vampira Carmilla e a jovem e inexperiente Laura.

Observa-se, ainda, que é cabível um comparativo histórico sobre os limites que se encontram ao escrever sobre questões ainda fortemente debatidas nos dias atuais, como a sexualidade feminina, por exemplo. Por esse motivo, tece-se alguns comentários, ao longo do capítulo 1, tomando como base as contribuições de Foucault (1988), Corbin (2012), Mott (2013), Raupp (2011), entre outros/as, acerca do que a

1 <https://www.youtube.com/watch?v=h4QzRfvkJZ4&list=PLbvYWjKFvS5rX2yv-k5AJ8oxPoZ9zHcpe>. Acesso em 05/04/2019.

mulher representa na história, sobre os tabus que se tem quando se fala nelas e as barreiras que elas teriam que transpassar para serem ouvidas e tentar viver suas vidas como elas quisessem, além de ter sua liberdade civil, de ir e vir como bem entender, de fala e sua liberdade sexual, tece-se de modo conjunto um aparato histórico sobre o querer e o poder da mulher.

No segundo capítulo, aborda-se a questão do mito do vampiro, principalmente tomando-se como base o extenso estudo de Lecouteux (2005) sobre o tema, evidenciando, nessa análise, os fatores implícitos que denotam por vezes uma natureza humana difusa, inquietante e desafiadora que tende a ser combatida, como requisito a uma aceitação dentro do rol social como um todo.

E o terceiro é, basicamente, uma análise da obra *Carmilla*, com foco na construção dessa personagem enquanto mulher e enquanto o “monstro” que é livre das amarras dos padrões sociais que a sociedade impõe, sua relação para com Laura e seus ensinamentos sobre a subjetividade.

2 CAPÍTULO I – “AMIZADES APAIXONADAS” E AS HOMOSSEXUALIDADES NA ERA VITORIANA

O quarto volume da obra *História da Vida Privada* (PERROT, 2009) expõe, em vários dos seus artigos, o entendimento de que, no decorrer do século XIX, a vida da mulher foi por demasiado complexa, levando em conta os fatores relativos à limitação e à sua subjetividade dentro do contexto familiar, bem como ao seu não protagonismo, mesmo no ambiente doméstico.

Sem a possibilidade de grandes destaques, a mulher permaneceu submissa a uma série de fatores históricos, sendo em muitos relatos históricos, representada tão somente como uma espécie de prêmio para o herói que combatia todo o mal, ou mesmo como uma idealização romantizada que deveria inspirar outras mulheres a seguir pelo mesmo caminho. Qualquer outro tipo de comportamento era prontamente reprimido e combatido como uma incoerência ao modelo proposto.

Importante ressaltar nesse caso que a mulher, enquanto figura histórica, por vezes retratada como a musa que inspirava grandes paixões e que fazia com que seus amantes fossem de fato um modelo idealizado por outras mulheres, não foi, do ponto de vista histórico, destacável em demais circuitos. Sendo comumente atribuída a desejos, poemas, à maternidade, ou mesmo a figura que esperava apaixonada por seu consorte, a sua submissão era sempre esperada, e em casos opostos nos quais havia a mera possibilidade de destaque em qualquer que fosse o ambiente, logo era contida.

No artigo de Lynn Hunt que faz parte do volume supracitado da *História da vida privada*, por exemplo, a historiadora nos mostra que, durante a Revolução Francesa, as mulheres criaram associações femininas que em nada tinham a ver com assuntos tidos como femininos pelos homens, formadas por mulheres que estavam preparadas para se impor mediante as regras do patriarcado e lutar pelo direito de serem ouvidas e compreendidas por aqueles homens que disputavam o poder no contexto revolucionário. Contudo, essas associações foram censuradas e suprimidas por terem representado uma possível ameaça ao patriarcado, contrárias ao papel já pré-estabelecido da mulher como uma dona de casa, com uma representação do privado de ordem exclusivamente familiar. Essa manifestação de expressão da mulher, que era desprovida de direitos políticos, era ferreamente rejeitada pela maioria dos

homens, como se vê na fala do político Pierre-Gaspard Chaumette: “Onde já se viu que mulher abandone os cuidados do lar, o berço dos filhos, para ir à praça pública, discursar na tribuna?”. (CHAUMETTE *apud* ARIÈS, 2009, pp. 22-23.).

Nós assumimos que as condutas homossexuais eram silenciadas na era vitoriana, claro que sim, porém, segundo Maria Helena (2018), essas mulheres poderiam expressar afeto e seus desejos sexuais através das amizades que elas tinham, as mulheres tinham amizades íntimas e mais romantizadas do que os homens. Como elas eram tidas como mais “sensíveis e frágeis”, possuíam uma maior liberdade na demonstração de seus sentimentos, o que não era visto, a princípio, como algo que lhes fosse desviar das normas de conduta heteronormativas (lembrando que nem todas essas relações poderiam ser tidas como homossexuais, já que as relações de amizade feminina por si só eram tidas como mais romantizadas).

Essas amizades eram uma válvula de escape para essas mulheres expressarem seus sentimentos em um lugar de acolhimento para a outra mulher; muitas dessas mulheres se utilizavam do amor para estreitar laços com outras em relação à amizade, e não necessariamente ao contato sexual. O que tornava muito difícil dizer se a relação era de cunho sexual ou não, já que essas mulheres trocavam afetos e cartas românticas, mas que a sociedade considerava totalmente normal na figura feminina e ao modelo de “amizade apaixonada”.

Contudo, nesse modelo de “amizade apaixonada”, poderia haver relações mais claramente sexualizadas: a autora (HELENA, 2018) fala de Rosa Bonheur, que passou a vida com uma mulher, mas se vestindo e se portando como um homem, onde elas seguiriam um padrão heteronormativo, com o dominante representado por Rosa vestida de homem e o submisso, que seria sua companheira. Não se pode esquecer que a lei britânica condenava as atividades homossexuais entre homens, entretanto, nada era dito sobre as mulheres, porém as mulheres eram algumas vezes processadas por serem fantasiadas de homens, sob a prerrogativa que elas estariam querendo tomar para si o mesmo patamar social e econômico que era destinado a eles.

A prolixidade dos discursos sobre as mulheres contrasta com a ausência de informações precisas e circunstanciadas. O mesmo ocorre com as imagens produzidas pelos homens, elas nos dizem mais sobre os sonhos ou os medos dos

artistas do que sobre as mulheres reais. As mulheres são imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas.

As formas mais básicas de se pesquisar a mentalidade feminina de eras passadas são os acervos privados, como diários, cartas, documentos etc., porém esse material acaba, muitas vezes caindo em mãos aleatórias; todavia, mesmo nas mãos certas, esses documentos não passam toda a veracidade do que acontece no meio privado, pois essas cartas, diários, papéis, muitas vezes possuem um padrão de escrita e comportamento polido estereotipado; portanto, ao mesmo tempo em que há um depoimento revelador, não há, ele está escondido dentro das nossas normas comportamentais sociais de cada época, cabe ao/à leitor/a saber ler as entrelinhas, e conseguir extrair a verdadeira mensagem que é guardada. Não que não existam relatos diretos sobre o que acontecia no meio privado feminino, mas são relatos de uma dificuldade maior de acesso e escassez, em comparativo com o que se tem acerca dos relatos masculinos.

Existe também o problema social nisso tudo, pois as classes sociais mais abastadas e os centros urbanos acabam sendo favorecidos nesse quesito, pois é lá que, em sua maioria, está o monopólio dos holofotes, o que acaba dificultando o trabalho de se ter escritos mais precisos sobre as zonas rurais e pessoas de pouco poder aquisitivo, sobretudo porque as mulheres de classe baixa, trabalhadoras, estavam mais ocupadas trabalhando, não dispoño de tanto tempo livre para amizades apaixonadas com outras mulheres, e muito menos de ficar escrevendo ou deixando pistas sobre sua vida privada, principalmente escrevendo sobre supostos romances, seja ele heterossexual ou homossexual, o que não significa que elas não tivessem seus casos amorosos. O que significa que para cada mulher, e no interior de diferentes estratos sociais, as relações de amizade românticas eram diferentes por si sós.

Contudo, a mulher vitoriana tem em sua identidade o papel da maternidade, já que estas não dispõem de empregos, ser mãe acaba ocupando quase que toda a sua vida, então é por meio de suas cartas que estas mulheres, muitas das vezes abastadas, encontram seu sopro de liberdade, e numa construção de identidade que difere da maternidade, onde era possível visualizar essa amizade romântica, na troca de cartas e presentes, o que fez uma grande contribuição sobre a sexualidade feminina do século XIX: “Esperava-se que as mulheres possuíssem traços de

‘altruísmo e empatia’ que contrastavam diretamente com a expectativa de traços masculinos de ‘competitividade e autodeterminação’.” (HELENA, 2018).

As mulheres lésbicas da era vitoriana de classe média e alta viviam em segredo, elas eram casadas ou viúvas, tinham cumprido com seu papel social, e mantinham o relacionamento em sigilo, se correspondendo por cartas e mantendo seus pensamentos e sentimentos em seus diários, o que com certeza foi de grande importância para a autoidentidade de muitas.

[...] os diários de Mary Benson, esposa do Arcebispo de Canterbury, são a única fonte de sua vida dupla, onde ela detalhava seus casos extra-conjugais, entre eles com Charlotte ‘Chat’ Basset, uma vivaz mulher de meia idade que se casara com uma família rica de mineração de cobre; Tan Mylne, esposa de um estudante de teologia e outras mulheres menos conhecidas, como Emily e Ethel Smyth (HELENA, 2018).

Ainda é citado, nesse texto, outro casal lésbico famoso: Charlotte Cushman e Matilda Hays. Hays, como muitas mulheres homossexuais da época vitoriana, desejava a independência da mulher, e por isso em 1847 cria um jornal para dar um lugar onde as mulheres pudessem trabalhar e lhes proporcionar meios para que pudessem colocar sua escrita e discursos em prática, além de oferecer melhores condições de vida. Essas duas mulheres ficaram juntas durante dez anos, porém se separaram em 1852, quando Cushman vai para Itália, e lá ela tem outro romance com Harriet Hosmer e depois com Emma Stebbins, Adelaide Anne Proctor e Theodosia Blacker. Todos esses relacionamentos eram proibidos, tanto consumir o ato, como falar e escrever abertamente sobre, mas para as mulheres era mais fácil passaram despercebidas. Essas mulheres encontraram na escrita uma manifestação de seus sentimentos, desde que fossem socialmente aceitáveis e disfarçadas na amizade romântica.

A utilização do termo homossexual ocorreu na segunda metade do século XIX, de acordo com Corbin (2012) e suas pesquisas históricas, no ano de 1869, quando o médico de origem húngara Karoly Benkert² fez a menção a este termo ao designar a união sexual entre dois homens, que até então era um pecado mortal, e no imaginário era considerado uma doença que atingia algumas pessoas.

2 Apud CORBIN, 2012.

Em seu sentido etimológico, a palavra homossexual possui o radical grego “homo” que quer dizer igual, parecido, semelhante e pela palavra “sexual” que se origina do latim “sexus”. Conclui-se, então, que “homossexual” refere-se à sexualidade semelhante. Em um sentido empírico, tal termo refere-se à afinidade e ao desejo que um indivíduo possui por outro indivíduo do mesmo sexo.

É somente no século XIX que a figura do invertido aparece, pois ele começa a ser objeto de estudo da psicologia, que para Foucault teria permitido a aplicação da denominação homossexualidade, ela passa a ser estudada a partir das confissões dessas pessoas dadas aos médicos e clérigos e tenta-se entender os sentimentos destes, não só seus aspectos físicos.

Mas não se enganem, a homossexualidade era considerada uma perversão na era vitoriana: os invertidos, homossexuais, eram tidos como doentes, tinham uma degeneração da conduta, e aos olhos das elites a “sodomia”, “pederastia”, “bestialidade” etc., era motivo também para uma falta para com a sociedade e uma ameaça.

Aos olhos das elites, as “perversões”, novamente codificadas, representam uma ameaça a sociedade. Entre os desvios, o crime e a loucura, as trocas se revelam constantes. O fetichista se transforma facilmente em ladrão; o “invertido”, em assassino; o zoófilo em terror dos campos. Quanto ao amor entre parceiros masculinos, este é visto como um prólogo a todas essas manifestações mórbidas (CORBIN, 2012, pp. 247-248).

Alguns especialistas, como Charcot³ e Magnan⁴, dizem haver dois tipos de invertidos, os que nascem com a homossexualidade e aqueles que se tornam invertidos, está sendo a única que não tem desculpa para acontecer, já que a de nascença não podem ter um poder real sobre si mesmos.

Ainda assim os invertidos são tidos como emocionalmente frágeis, pálidos, tendo problemas nos nervos, o que dá todas as características de um moribundo (o que cria um nexos interessante com a imagem do vampiro, da qual trataremos no próximo capítulo, e que estará no centro de nossa análise de *Carmilla*). O invertido é ainda associado a termos como invejoso, sensível demais, passional e volúvel, além

3 Apud CORBIN, 2012.

4 Apud CORBIN, 2012.

de muitas vezes ser considerado adepto do onanismo e sua condição ser associada a outras doenças mentais, já que segundo Moreau de Tours⁵, eles são sensitivos à loucura, ao exibicionismo e ao fetichismo.

Foram feitos diversos tratamentos para “consertar” tal condição, como a hipnose, fazer com que o paciente durma com as chamadas “prostitutas-terapeutas”, ter um contato maior com a natureza, fazer com que o indivíduo se case, considerar castidade como redenção e até mesmo a castração que foi um dos estudos de Richard Von Krafft-Ebing⁶, durante o século XIX.

Cada lugar joga a culpa da homossexualidade para o outro, como a França que culpa os alemães e britânicos, e já foi chamada de “vício italiano”; já Chevalier⁷, Riolan⁸ e Havelock Ellis⁹ dizem que a homossexualidade está ligada, ou é mais comumente vista, em determinados círculos ocupacionais, como floristas, trabalhadores do ramo de moda, lavadores e engomadores de roupas, tapeceiros, costureiros, atores e até mesmo médicos.

Mas na prática, essa “condição” estaria mais atrelada às classes mais altas da sociedade, dentro da burguesia que tinha muito tempo livre e vivia no ócio, entre os artistas, que eram tidos em regra por ter uma relação mais fluida com a própria sexualidade, e os letrados, e era tida como mais rara entre os camponeses, já que estes não vivem no ócio. A historiadora Anne-Marie Sohn¹⁰ questionou essas premissas da medicina do século XIX, já que os efetivamente acusados de sodomia seriam principalmente operários, trabalhadores domésticos, viajantes e os nobres soldados, apesar de eles raramente ganharem a alcunha de afeminados por tal ato, além dos camponeses não se absterem desse grupo.

O mais incrível de tudo isso é que a homossexualidade era um pecado do invertido, mas onde ele mais se propagava, e era uma “ameaça”, era justamente onde

5 Apud CORBIN, 2012.

6 Apud CORBIN, 2012.

7 Apud CORBIN, 2012.

8 Apud CORBIN, 2012.

9 Apud CORBIN, 2012.

10 Apud CORBIN, 2012.

se tinha um maior controle na divisão de homens e mulheres, com os debates acerca da “proliferação” de condutas homossexuais, como acontece nas prisões, internatos, hospícios, etc.

Essa nova era de representações sexuais não pode ser melhor entendida se não levarmos em consideração o contexto que ela está inserida, se tinha um medo crescente da regressão da civilização, por meio da possível diminuição da taxa de natalidade, medo das doenças venéreas, além do medo que o processo feminista, que era abordado pelos grupos de mulheres que queriam seus direitos reconhecidos, fizesse com que tivessem ventres “inúteis”, pois segundo alguns homens daquela época se a mulher não procria ela não serve pra mais nada, além da “crise de identidade” que os homens estavam sofrendo se “tornando” invertidos.

Ainda na análise etimológica do termo, entende-se que a sua designação, como também a sua propagação, surge como um confronto aos inúmeros epítetos que aparecem com o intuito de designar onomasticamente a relação entre duas pessoas do mesmo sexo. Historicamente, o aparecimento de vários nomes que tinham por meta designar tal tipo de relação tinham em sua essência uma conotação pejorativa, que geralmente conseguia, ao serem pronunciadas, depreciar o homossexual e minimizá-lo, ou torná-lo diferente no meio em que vivia, como era o caso do termo invertido, ele seria o contrário do que deveria ser, de acordo com a sociedade, mas ele seria quem ele é sem suprimir seus desejos pelo mesmo sexo.

O invertido, que é o termo utilizado nesse texto, começa a construir sua própria identidade, e a reivindicação de pertencer a um terceiro sexo, que o mundo não poderia se dividir somente entre homens e mulheres, que existe muito mais nuances sobre o “invertido” do que os médicos, antropólogos e religiosos da época poderiam chegar a supor.

Neste contexto do invertido, tem-se que a simples nomeação e existência do termo homossexualidade já é, por si só, para as pessoas que procuravam por uma definição de sua própria opção sexual, acima de tudo, por algo que os definisse como ser humano. Ou seja, a existência e utilização da palavra que define a pessoa que se relaciona com outra do mesmo sexo ultrapassa a barreira da necessidade de nomeação de cada indivíduo em particular, e alcança o status de nomeação e identificação de um grupo composto de pessoas com os mesmos pontos em comum, nesse caso, a homossexualidade.

Contudo, quando vamos falar sobre os invertidos, se referindo ao feminino, temos um campo ainda obscuro e menos expressivo nesse tempo. Elas não deixam de ter seu papel no século XIX, contudo, segundo Corbin (2012), os protossexólogos se empenharam em colocar a figura da homossexual como uma heterossexualidade disfarçada.

[...] constituindo-a [...] numa espécie de heterossexualidade disfarçada, adicionada de uma hipersexualidade. Sobre essa “inversão”, encontram-se os procedimentos taxionômicos que tratam a homossexualidade masculina. Estabelece-se uma hierarquia de acordo com o grau de transgressão das normas de gênero, entre lésbicas ocasionais, as hermafroditas psíquicas e as verdadeiras homossexuais que derivam para uma viragonidade e culminam na ginandria (CORBIN, 2012, p. 251).

Mesmo nos dias atuais, como Raupp (2011) evidencia em sua obra *A Homossexualidade no Direito*, a maioria das pessoas não possui uma compreensão teórica adequada sobre este tema. O referido autor enfatiza o fato de que o senso comum da comunidade ganha força, e que a maioria das pessoas opta pela fundamentação social que se inicia com o termo frasal: “no meu tempo...” ou “na minha família...”. Isto é, o conhecimento de causa de boa parte da população a respeito da homossexualidade refere-se a um cenário familiar e social restrito. Em linhas gerais isso quer dizer que: ao não ter voz ativa no passado o homossexual era basicamente invisível para a comunidade na qual vivia, logo, ele seria inexistente. Por este motivo, o barulho que se tem feito nos tempos atuais leva a população a crer que a sua parcela homossexual aumentou, quando na verdade ela apenas ganhou voz; e por crer que o número de homossexuais aumentou de uns tempos para cá, é que a comunidade continua a validar o fato de que este é um fenômeno recente e provavelmente, passageiro.

Assim, na procura por bases teóricas que sustentem a ideia de que a homossexualidade está contida na humanidade desde seus tempos mais remotos, tem-se por primeiro, a compreensão de Mott (2013) que diz que a homossexualidade é inerente ao ser vivo e não está restrita ao ser humano. Para tanto, Mott (2013) cita o biólogo Bruce Bagemihl¹¹ que, em seus estudos, concentra-se na identificação de

11 Apud MOTT, 2013.

posturas homossexuais presentes também no reino animal, como é o caso dos golfinhos.

Existe muita dificuldade, por parte de uma parcela da sociedade, em entender e aceitar o homossexual como parte da população e isso pode ser relacionado ao comportamento das pessoas, isso pode fazer com que elas sejam levadas a crer que a homossexualidade é uma conduta que foge à natureza humana, como se fosse, segundo Corbin (2012), uma postura ou conduta de aparências, um “carnaval da aparência”, que seria desenvolvido e adquirido através de comportamentos, companhias ou influências “duvidosas”, além de as pessoas acharem que se algo não segue o efeito manada de comportamento, se ele for contra a maioria, isso não seria natural, e portanto poderia ser cabível de recusa.

Em síntese, o que se compreende é que, somente em um passado ainda recente é que se deu início à uma legitimação do homossexual enquanto sujeito detentor de direitos e igualdade na condição de ser humano.

Para o psicólogo Davidoff (2011), foi preciso que o homossexual primeiro se aceitasse para que então pudesse confrontar as imposições e exigências que lhe eram apresentadas pela sociedade e suas instituições. Foi necessário, inicialmente, uma compreensão intrínseca do “Eu homossexual” acrescido de uma finalização da autocobrança dele/a mesmo/a em se fazer caber em um modelo que não correspondia à sua natureza, para que enfim, pudesse ter início a procura por reconhecimento e por direitos de igualdade e respeito.

Para Franco (2015), a relação entre a homossexualidade e o tempo é um instrumento poderoso capaz de fazer com que seja perpetuada na mente humana a aceitação de uma condição há tanto ignorada. Para a supracitada autora, a comunidade como um todo evolui lentamente e, de modo comedido, agrega em seu cotidiano aspectos novos que surgem em seu meio. Assim, o que primeiramente pode causar um alto índice de rejeição, pode ser posteriormente visto como algo comum.

O que se entende com a abordagem de Franco (2015) é que já houve um tempo em que as condições de vida de um homossexual eram bem mais complicadas, um tempo em que a intolerância era a ordem geral e a disparidade entre seres era simplesmente inaceitável. O que mudou com o passar dos séculos foi a simples alteração da voz. Ao se expor, mesmo com medo dos julgamentos que poderiam surgir, o homossexual encontrou aliados, pode enfim descobrir que não se tratava de

uma pessoa só, mas de uma gama de indivíduos que se escondiam sob a égide ditatorial de normatizações sociais que capitaneavam a postura e os gostos sexuais de cada um.

Para Foucault (1988), a história homossexual, ao longo dos tempos, passa por inúmeros entraves, onde, por primeiro, a imposição de uma força estatal teocrática que regia seus fiéis com princípios e normas imbatíveis tornando inviável qualquer tipo de objeção ao que era estabelecido. Segundamente, a intolerância que se instalou e que se propagou, mesmo depois da criação de um Estado laico, continua a gerar infortúnios à comunidade que se assume homossexual. E toda esta postura encontra-se arraigada em princípios e normas que não mais se encaixam nos dias atuais.

O que se pode dizer de modo taxativo é que a percepção da homossexualidade se tornou, ao longo dos séculos, menos intolerante, mas ainda assim, violenta, altamente preconceituosa e ainda centrada na ideia de que a homossexualidade é na verdade um mal patológico que precisa ser erradicado, para o “bem” da sociedade.

Com isso, ao procurar entender a história da mulher dentro do contexto homossexual histórico, é imperativo que se cite a influência do comportamento sexual feminino presente na ilha grega de Lesbos, em um período que ocorreu no século VII a.C.

Para a referência desta análise, tem-se textos da poetisa Safo, quem em um de seus poemas declama:

A morte, para ser franca, é o que me desejo.
 Ela me abandonou às lágrimas,
 A um caudal de lágrimas, enquanto me dizia: “Não foi pouco o que ambas sofremos, Safo. Deixo-te, contrária ao meu coração”.
 Segue o que lhe respondi:
 “Leva o meu adeus! Preserva-me em tua memória.
 Não ignoras o quanto nos preocupamos contigo.
 Caso não (te lembres) ... permito-me rememorar... o quanto da beleza provamos juntas.
 Guirlandas, não faltaram nelas rosas nem violetas... rente a mim depuseste, tampouco grinaldas, inúmeras delas, cujas tranças enlaçavam o colo frágil, flores...
 E com o eflúvio das flores... que dignificaria uma rainha, te ungieste, e na maciez do leito jovial... satisfazias tua volúpia... Santuário não havia um sequer... em que não nos fizéssemos presentes, nem bosque... dança... sonoridades...”¹²

12 Recuperado de: <http://casadelabrys.com/poema-inedito-da-grega-safo-de-lesbos-fala-da-homossexualidade-feminina-no-seculo-vii-a-c/> Acesso em: 03/03/2021.

Não será tecida aqui uma análise da linguagem do poema exposto acima, mas a própria essência do mesmo já demonstra uma clara referência aos amores da poetisa. Contudo, é imperativo que se observe que a influência da ilha de Lesbos, e de sua poetisa Safo, integram-se como importantes marcos precursores na história da homossexualidade feminina. Antes que se vá à uma análise mais detalhada, apresenta-se uma imagem que retrata, na perspectiva de um artista do século XIX, o convívio feminino existente nessa ilha.



Figura 1: *Safo e Erinna em um jardim em Mytilene*, quadro do pintor Simeon Solomon

Recuperado de: <https://revistacult.uol.com.br/home/principal-poeta-lirica-da-antiguidade-safo-tem-obra-relancada/> Acesso em 03/03/2021.

Esse quadro do pintor pré-rafaelita Simeon Solomon (1840-1905), datado de 1864 e intitulado *Safo e Erinna em um jardim em Mytilene*, retrata a proximidade entre duas companheiras e faz referência, sob a perspectiva de um contemporâneo de Sheridan Le Fanu, à condição de vida mais liberta que havia na ilha, em contraponto à vida fora dela, onde a mulher encontrava-se submissa à vontade do estado, da família e de demais instituições.

De acordo com a compreensão de Foucault (1988), a função da mulher encontrou-se, durante muito tempo, estritamente ligada à reprodução e à criação dos filhos. Para além disso, ela deveria sempre estar disposta para a satisfação dos caprichos sexuais de seu consorte e, com isso, tinha a sua vontade sexual subestimada e dificilmente tinha a oportunidade de expor os seus desejos e volições.

Estando muitas vezes em uma condição de submissão, os desejos femininos eram quase sempre contidos e qualquer manifestação destes era abertamente criticada e, em alguns casos, severamente punida. Contraditório a esse tempo e a esses costumes, a ilha de Lesbos sagrou-se no imaginário como um local onde suas habitantes tinham a liberdade de manifestar-se e de conhecer-se, podendo, ainda, ter suas vontades sexuais satisfeitas.

Antes que se finalize este tópico, pode-se dizer que a menção à esta ilha e à poetisa que nela habitava, tem o puro intento de mostrar que há uma história por trás da homossexualidade feminina, que não se trata de um modo de ação atual sem raízes e fundamentado em nada. Pelo contrário, a mulher homossexual é sim possuidora de direitos e obrigações, de vontades e anseios que muitas vezes são omitidos por conta da alta rejeição a que está se encontra sujeita. Poder entender ou conhecer as raízes da lesbianidade faz crer que a atual militância lésbica possui raízes, que não se trata de moda e que está, felizmente, arraigado na natureza humana.

Considerando o contexto do século XIX, que será a referência cronológica deste estudo, segundo Corbin (2012), a mulher lésbica estaria atrás de sua própria autonomia, seu próprio jeito de agir e se portar. Porém, para grande parte dos cientistas da época, ainda estão enraizados alguns estigmas que identificam a mulher homossexual meramente como “imitadora do homem”: Féré¹³ afirma que enquanto criança a menina vai procurar brincar com brinquedos majoritariamente masculinos e subir em árvores; Chevalier¹⁴ diz que ela gostaria de esportes; Morel¹⁵ diz que ela vai fumar e se travestir de homem ou usar roupas tipicamente masculinas; dizem ainda que essas prováveis lésbicas teriam sonhos eróticos com pessoas do mesmo sexo e Magnan¹⁶ diz ainda que elas amariam com violência e vigor insuperável, além de

13 Apud CORBIN, 2012.

14 Apud CORBIN, 2012.

15 Apud CORBIN, 2012.

16 Apud CORBIN, 2012.

Riolan¹⁷ falar sobre seus ciúmes desmedidos; já Krafft-Ebing¹⁸ vai definir a mulher lésbica por quão masculina ela é e o quão masculinamente ela se comporta; Havelock Ellis¹⁹ diz ainda que o casal de mulheres homossexuais vai sempre reproduzir a dinâmica de um casal heteronormativo, ou seja, vai ter uma mulher para representar o homem da relação e a outra a mulher propriamente dita. O que não é tão absurdo se fizermos um comparativo com os dias atuais: os preconceitos do século XIX, continuam bastante fortes no século XXI, não que não tenham havido mudanças, mas não houveram o suficiente, temos que continuar nessa batalha, um passo de cada vez.

Além de tudo esses pesquisadores da era vitoriana levavam a crer que a busca por orgasmos constantes seria porque elas não possuíam saciedade no sexo homoafetivo, pois esse não teria o esperma masculino, que seria o único meio de as preencher e fazê-las satisfeitas completamente, e era alivante para o homem considerar que a mulher não “conseguiria” se constituir em um prazer total, apesar de frequentemente as relações sexuais entre duas mulheres sejam fetichizadas pelo imaginário masculino.

Esta fascinação pelo caráter oculto do prazer da outra fundamenta o sucesso das cenas de masturbação feminina e da relação sáfica que adornam os romances eróticos dos séculos XVIII e XIX, como os filmes pornográficos de nossa época. Os homens têm, regularmente, oportunidade de observar o prazer que eles provocam em suas parceiras, mas apenas a contemplação secreta ou a leitura podem fazê-los entrever o prazer feminino em estado puro, de certo modo, ou seja, aquele que acontece sem eles (CORBIN, 2012, p. 253).

Nesse caso, os discursos masculinos sobre a homossexualidade feminina alinham-se com o que já foi dito sobre a histeria das mulheres, que consistia em ter homens que masturbariam essas mulheres para elas ficarem calmas e controladas, esses homens se sentiam instigados em apreender e explorar os prazeres sexuais

17 Apud CORBIN, 2012.

18 Apud CORBIN, 2012.

19 Apud CORBIN, 2012.

femininos, para assim poder explicar a elas como se dar prazer, o que indica mais um grau da prepotência masculina sobre a sexualidade feminina, além de dizer muito mais sobre visão que os homens tinham sobre o assunto, do que uma real identidade sexual das mulheres da época.

Portanto, segundo esses homens, tanto a lésbica quanto a histérica seriam mulheres com sexualidade aflorada em demasia e que precisavam de instruções e cuidados masculinos de conduta, seja no público ou no privado.

Em 1806, Loyer-Villermay²⁰ considera que a mulher jovem estaria sempre ameaçada pela histeria por causa de certas características: “temperamento uterino e sanguíneo, morena e com tez de cor, olhos escuros e vivos, boca grande e dentes brancos, com lábios vermelhos-encarnado, cabelos abundantes, sistema piloso desenvolvido com cor de azeviche, regras abundantes” (CORBIN, 2012, p. 254), o que faz com que o imaginário do século tenha geralmente uma mulher morena e uma loira em uma relação, a morena sendo a masculinizada e a loira sendo a feminina e inocente, como aconteceu no romance de Le Fanu, *Carmilla*, que iremos abordar mais à frente.

Teve ainda, como para o homem homossexual, um remédio para essa conduta invertida, que seria também a “castração”, no caso se ressecaria o clítoris para evitar a masturbação precoce pela jovem e assim também evitar a inversão, contudo a educação era de suma importância nesse caso, pois jovens que fossem mal educadas também estariam propensas a isso.

No século XIX, a mulher invertida era muito associada pelos homens aos grupos marginalizados, prostitutas, prisioneiras e atrizes. Mas quando se fala da literatura, esta tendia a falar da lésbica como um tipo de mulher fatal, pronta para a sedução. Na pesquisa de Anne-Marie Sohn (*Apud* CORBIN, 2012), ela fala que os médicos associam a lésbicas às mulheres livres das amarras do patriarcado, donas de si mesmas; ainda dentro disso, ela fala sobre as lésbicas não necessariamente serem mulheres travestidas de homens e muito menos aparentarem serem garotos que foram castrados.

20 Apud CORBIN, 2012.

Contudo, mesmo que essas questões sejam debatidas desde o século XVIII, foi preciso esperar até depois da primeira guerra mundial para que a identidade homossexual feminina saísse do escuro a que era colocada e viesse a ser vista como um real desejo da mulher por outra.

3 CAPÍTULO II – O MITO DO VAMPIRO

O vampiro que fomenta nosso imaginário na atualidade é aquele sugador de sangue que vemos nos filmes e na literatura, que tem medo da luz do dia, de alho, de símbolos religiosos, dorme em um caixão, só sai à noite atrás de suas vítimas, pode ser comunicar com outros vampiros por telepatia, além de em alguns casos poder se metamorfosear, seja em lobo, gato, morcego, cachorro, mosca, etc. No entanto, o mito do vampiro tem uma história muito mais antiga e bebe de múltiplas origens e fontes, antes de desembocar na sua cristalização na literatura gótica do século XIX, e é desse processo que trataremos, de forma resumida, nesse capítulo.

Enquanto a história cinematográfica do vampiro ganha seu início em 1913 com o filme *O vampiro*, de Robert Vignola (1882-1953), a história na literatura gótica vem de quase um século antes: em 1819, com *O vampiro* de John William Polidori (1795-1821); também com esse que se encontra entre os grandes nomes quando se diz respeito a histórias góticas de vampiros do mito moderno, Bram Stoker (1847-1912) com seu *Drácula* (1897), que sintetizou as informações de outros romances e consagrou o conde Drácula como o vampiro mais conhecido dos tempos atuais; e não menos importante, temos Sheridan Le Fanu (1814-1873) com sua obra *Carmilla: a vampira de Karnstein* (1871-1872), que é justamente a obra que iremos tratar mais adiante. Porém a história acerca dos vampiros e seus precursores, que foram colocados nesse grupo, remete de muito mais tempo atrás, até porque esses autores não partiram do nada.

Ao longo dos anos foram feitos vários estudos acerca do que nós hoje conhecemos como o vampiro, sempre buscando uma explicação satisfatória, que ocorresse obstatante do misticismo. Em 1679, Philippe Rohr²¹ escreveu uma dissertação sobre os monstros mastigadores, que viria a ser um tipo de precursor dos vampiros, assunto que foi retomado no século seguinte por autores como Michaël Ranft²², que chegou à conclusão de que esses monstros eram fruto da imaginação fértil do povo, o que não impediu que as pessoas continuassem disseminando o mito e o

21 Apud LECOUTEUX, 2005.

22 Apud LECOUTEUX, 2005.

transformando, o enriquecendo de mais detalhes. Outros estudiosos como Gottlob Heinrich Vogt²³, Christoph Pohl²⁴ e o autointitulado “médico de Weimar” fizeram estudos para analisar justamente uma das “maiores evidências” de vampiros da época, a não decomposição dos corpos, já que, segundo a igreja, somente corpos excomungados seriam passíveis dessa anomalia.

Em 1900, o *Dictionnaire encyclopédique* traz uma menção importante sobre o vampiro:

Os vampiros desempenham um papel importante na superstição de alguns povos da Europa central e setentrional: alemães, húngaros, russos etc. Sob esse nome, designam-se mortos que saem de seu túmulo, de preferência à noite, para atormentar os vivos, geralmente lhes sugando o pescoço, outras vezes lhes apertando a garganta a ponto de sufocá-los. Era aos vampiros que antigamente se atribuía um grande número de mortes misteriosas, e eles figuram em numerosas lendas. Os gregos modernos os designam pelo nome de *brucolaques* (*Apud* LECOUTEUX, 2005, pp. 36-37).

O verbete assinala que os vampiros eram mais do que sugadores de sangue para os povos europeus, e possuíam outras características. Mas, o que mais solidificou essa crença e provocou altas quantidades de trabalhos acerca dos vampiros, é justamente os relatórios de autoridades reconhecidas:

Como aquele publicado em Belgrado, em 1732, pelo tenente-coronel Büttner e J. H. von Lindenfels sobre os vampiros da cidade sérvia de Medvegia, [...] em 1746, dom Augustin Calmet, monge beneditino de Senones, fez a síntese dos estudos sobre o assunto na sua *Dissertation sur les apparitions des esprits et sur les vampires ou les revenants de Hongrie, de Moravie* [Dissertação sobre as aparições dos espíritos e sobre os vampiros ou fantasmas da Hungria, Morávia] (LECOUTEUX, 2005, p. 13).

O vampiro está intrínseco na história, ele retrata um conjunto complexo de representações sobre a vida e a morte que se tinha desde o período medieval. Porém foi no período do Iluminismo que o vampiro se espalhou pela Europa. Isso seria justamente porque foi justamente no fim do período de caça às bruxas e feiticeiros, então se queria outro ser para culpar pelas desordens do mundo, o imaginário procurava outra justificativa para as grandes epidemias, seja de peste, cólera etc., as

23 Apud LECOUTEUX, 2005.

24 Apud LECOUTEUX, 2005.

mortes súbitas ou inexplicáveis da época, que hoje em dia teriam explicações mais racionais. Um exemplo disso é o já supracitado, a categoria dos mastigadores, que irei falar mais sobre suas características adiante.

Uma das explicações é dada na obra seminal sobre história dos vampiros de autoria do historiador francês Claude Lecouteux, *História dos vampiros* (publicada originalmente em francês em 1999): a que existiria uma morte má e uma morte boa, e quem infelizmente tem uma morte má acaba por se tornar um ser maligno. Desde a antiguidade os eruditos dizem que os humanos têm um tempo de vida já estabelecido, que seria entre setenta e oitenta anos, o que faria que você tivesse uma morte boa, porém se esse tempo fosse interrompido poderia trazer consequências no pós-morte, tanto para quem morreu como para os que ficaram vivos.

Toda interrupção antecipada pode ter consequências nefastas e perigosas, não apenas para o próprio indivíduo, mas também para os outros homens. É preciso, então, viver a vida até o fim, cumprir seu destino, respeitar o tempo concedido pelos deuses, senão o além-túmulo nos recusa e não há “transpasse”, no sentido etimológico do termo, ou seja, passagem para o outro lado (LECOUTEUX, 2005, p. 40).

Portanto, a princípio, todo aquele que não tenha vivido o tempo que foi estabelecido estaria preso entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, seria um morto vivo, em suma, essa parte seria tratada para os suicidas e assassinados, que seriam chamados de mortos prematuros, estes eram muitas vezes jogados em lugares impuros. Também não teria sua passagem aquele corpo que não tivesse seus ritos funerários cumpridos, pois seria também classificado como uma morte má, segundo Arnold van Gennep²⁵.

Teria uma morte má também os feiticeiros e bruxas, indivíduos de má índole, pessoas com traços físicos específicos, como marcas de nascença (como já era aplicado as bruxas para levá-las a fogueira), pessoas que nasceram em determinadas horas e datas, os que nasceram com deformidades, até mesmo quem tem uma profissão específica, todos que foram injustiçados de alguma forma ou que não terminaram o que tinham que fazer em vida, isso por si só, já são muitas almas em sofrimento, sendo considerada uma má morte até aqueles corpos em que foi chorado

25 Apud LECOUTEUX, 2005.

muito em cima deles, pois deixariam eles molhados, por causa disso eles não conseguiriam descansar de forma pacífica. Aparentemente o conforto do corpo sem vida é de extrema importância para que ele não volte a vida como um ser sobrenatural.

Já a morte boa é aquela em que você se prepara ao longo da sua vida, é uma libertação dessa “falsa vida”, e mesmo que se tenha uma morte prematura, se o morto foi, em vida, bom e justo, além de não ter assuntos pendentes e que tenha renunciado o material, ele encontrará a paz eterna.

Em *Carmilla*, é justamente a recusa em se desprender do mundo dos vivos que faz com que Carmilla continue matando para sobreviver entre os vivos, no caso ela se recusa a ter seu fim, ela possui pendências, mesmo que estas pendências sejam a de querer viver mais. Assim, se a “boa morte” passa pelo aprendizado de desprendimento voluntário do mundo material, o apego desmedido à vida seria, também, um sinal de maldição.

Uma boa morte, segundo Lecouteux (2005), seria também descansar ao lado de seus familiares e amigos, pois ser enterrado em terra selvagem, terra má ou nos campos, deixa o corpo como desconhecido e desprotegido contra as ações de feiticeiros, que poderiam utilizá-lo para planos maléficos. Ele aborda um exemplo disso em uma carta de 1077 escrita por Simon de Crépy-en-Valois²⁶ para justificar a mudança do corpo de seu pai, dizendo que iria colocá-lo ao lado de seus familiares para concedê-lo um descanso pacífico.

Não há nada pior do que ser enterrado “em terra selvagem”, “em terra má” ou “nos campos”, porque a sepultura em “terra bendita” nem sempre é concedida. É preciso lembrar que o túmulo dos vampiros é, às vezes, bem dissimulado; o de Carmilla, por exemplo, encontra-se numa capela em ruínas, e para poder mudar de campo de ação, passar de Cárpatos para Londres, Drácula é obrigado a levar a terra do seu túmulo. (LECOUTEUX, 2005, p. 45).

Ele conta, ainda, que existem testemunhos de pessoas desde a Idade Média até a modernidade, que relatam incomuns situações de *post-mortem*, em que o cadáver fala, anda, agarra coisas, e isso seria justamente a alma que continua próxima do corpo. Por isso teriam que ser seguir todos os ritos funerários da época, ou até

26 Apud LECOUTEUX, 2005.

tomar cuidados específicos, como não deixar um gato ou um pássaro cruzar o corpo, ou não deixar o corpo molhado, como já citado anteriormente. Tudo isso para que o corpo não retorne como um vampiro.

Podemos falar também, de mortos impuros e puros, que são basicamente o que nós já vimos com a má morte e a boa morte, ele relata que se acontecesse de um morto considerado impuro fosse enterrado, ou que fosse enterrado como excomungado, a terra não faria sua decomposição e se tornaria um vampiro, por isso teriam que decapitá-lo e depois queimar até virar cinzas para expurgar o mal (prática que advém da época das bruxas). Existem alguns relatos que são abordados, como do pregador Gostschalk Holen²⁷ (1400-1481):

Quando eu trabalhava em Siena, na Itália, vi o corpo exumado de uma mulher que tinha ficado enterrada 62 anos e cujos membros estavam ainda intactos, assim como a cabeleira. Ela foi encostada verticalmente à parede e toda a cidade se reuniu para vê-la. No meio da noite, o sacristão quis dirigir-se à igreja para acender a lâmpada das matinas. Quando saiu, esse corpo o seguiu e gritou-lhe que não podia desfazer-se em pó porque tinha sido enterrado como excomungado. “Vá até o núncio apostólico a fim de que ele faça o favor de retirar a excomunhão, então meu corpo se dissolverá.” O sacristão obedeceu. A mulher foi reintegrada no seio da Igreja e seu corpo, aspergido de água benta, desfez-se em pó imediatamente. (*Apud* LECOUTEUX, 2005, pp. 48-49).

Outro relato é uma indagação sobre os feiticeiros mortos feita em 1738, pelo franciscano Franciscus Solanus Monschmidt²⁸:

O que devemos fazer com esses feiticeiros defuntos que em vida fizeram um pacto expresso com o diabo (*cum daemone fecerunt in vita expressum pactum*), para ressuscitar após a morte, para atrair os cadáveres cristãos e até das crianças inocentes enterradas perto deles no cemitério, para perambular, inquietar terrivelmente os homens e persegui-los? (*Apud* LECOUTEUX, 2005, p. 49).

Existe também um relatório de Johannes Gasser²⁹ e Christian Vabst³⁰, que eram médicos da corte de Áustria-Hungria, que relata sobre o cadáver de uma mulher

27 Apud LECOUTEUX, 2005.

28 Apud LECOUTEUX, 2005.

29 Apud LECOUTEUX, 2005.

30 Apud LECOUTEUX, 2005.

chamada Rosina Polakin, que foi exumado em 1755, numa cidade chamada Hermersdorf, suspeita de vampirismo, onde a família foi obrigada a agir com o procedimento padrão nesses casos (decapitar e queimar até não sobrar nada).

Como vimos até agora essas almas consideradas impuras, tem muitas características em comum conosco, os vivos, pois segundo Emmanuel Le Roy Ladurie diz (*Apud* LECOUTEUX, 2005), os mortos são capazes de sentir frio, e apesar de não comerem, sentem sede, dançam, assistem missas e continuam amando seus parentes e odiando seus inimigos, até mesmo conseguem retornar ao seu ofício da vida, além de serem vingativos e ciumentos.

Outro exemplo de um morto com assuntos inacabados é dado por Calmet³¹:

Em Varsóvia, diz Dom Calmet, um padre, tendo encomendado ao seleiro uma rédea para seu cavalo, morreu antes que a rédea ficasse pronta; e como ele era um daqueles que são chamados vampiros na Polônia, saiu do túmulo vestido com a roupa com que são enterrados os eclesiásticos, pegou seu cavalo na estrebaria, montou e foi, às vistas de toda Varsóvia, até a oficina do seleiro, onde de início encontrou apenas a mulher, que ficou aterrorizada. Esta chamou o marido, que veio, e quando o padre lhe pediu a rédea, respondeu: "Mas o senhor está morto, padre". Então, o outro respondeu: "Vou mostra-lhe que não", e ao mesmo tempo, golpeou-o de tal modo que o pobre seleiro morreu algum tempo depois; e o padre voltou ao seu túmulo." (*Apud* LECOUTEUX, 2005, p. 58).

Alguns desses vampiros, na Sérvia e na Polésia, são considerados vampiros amantes, já que retornam para se deitar com suas esposas ainda viva, porém se uma criança vier a nascer ela não viverá por muito tempo. Esses relatos vêm desde o século XVIII, onde se prevalece em uma mulher jovem que ficou viúva e durante a noite ela é visitada por esse vampiro, então ela começa a ficar doente, emagrece, vai ficando pálida e definha até morrer.

Na Romênia esses vampiros são chamados *zburator*, e assumem formas atraentes para usufruir do néctar da vida, no outro dia as vítimas possuem marcas da visita, típicas de um vampiro, como marcas de beijos, mordidas, etc. E essa pessoa acaba indo pelo mesmo caminho das outras, fica doente e morre rapidamente. Aqui, uma temática que será muito abordada pela literatura gótica sobre vampiros, a do contágio vampiresco, como conotações claramente eróticas, começa a se delinear, o

31 *Apud* LECOUTEUX, 2005.

que também deixa mais clara a diferenciação entre o vampiro e outras manifestações sobrenaturais, como o fantasma.

Existem alguns relatos de outras formas de criação de um vampiro que estão ligados ao nascimento e à primeira infância: na Bulgária e na Romênia os *strigoi* são explicados pelo bebê ao nascer acabar comendo seu saco amniótico (mas isso pode ser evitado, se quem fizer o parto afastar o saco e enterrá-lo ou queimá-lo e misturar com o leite e dar pra criança beber, ou simplesmente anunciar que um futuro vampiro acaba de nascer). Também pode se tornar um vampiro quem volta a mamar depois do desmame; choram no ventre da mãe; bastardos; crianças provenientes de incesto; o sétimo filho (essa crença é difundida em quase toda a Europa, podendo ser o 5º ou 7º filho), que pode se tornar um vampiro ou um lobisomem, o que se confunde novamente, mostrando os laços estreitos entre os mitos; descendentes de feiticeiros; assassinos; filhos de demônios, pois eles nascem com cauda, mas é fácil livrá-lo da maldição, é só cortar o rabo com uma moeda; pessoas ruivas; irmãos que nasceram no mesmo mês; lobisomens, mas somente após a morte; pessoas más; mentirosos; quem nunca comeu alho; os eslavos acreditavam que pessoas com dois corações e duas almas também poderiam se transformar em *dvoeduschniki* (vampiro), esses vampiros específicos possuíam um tipo de “alma externa” que saia para prejudicar as pessoas e deixavam sua alma principal escondida para não acabar sendo morto; pessoas enterradas após o pôr-do-sol, pois aparentemente, depois que o sol se põe os portões do céu se fecham.

Em 1820, um jornal traz algumas informações sobre os vampiros, que é muito semelhante às crianças que nascem como filhas de demônios:

Na região de Kachoube, acontece que às vezes, as crianças nascem com uma touca membranosa, semelhante a um pequeno boné. Para evitar que essa criança se torne um vampiro após a morte, deve-se tirar-lhe essa pelica, deixá-la secar e conservá-la cuidadosamente. Antes de a mãe dirigir-se à igreja para o ritual de agradecimento e depositar sua oferenda, ela deve queimá-la, reduzir as cinzas em pó e fazer a criança ingeri-las misturadas com leite. Se isso não for feito e se a criança empelicada morrer antes de ter engolido sua touca dessa maneira, um terrível desgraça virá em seguida. Depois de enterrada, ela levanta do caixão, começa por devorar toda a carne das mãos e dos pés, inclusive sua mortalha, depois sai do sepulcro e devora os vivos. Primeiro, seus parentes próximos e distantes, depois, quando todos estiverem mortos, ela baterá o sino da igreja do povoado e todo mundo deverá morrer, adultos e crianças, tão longe quanto chegar o som do sino. Contra esses mastigadores só existe um meio: exumá-los e separar a cabeça do tronco com uma enxada. (LECOUTEUX, 2005, pp. 70-71).

É muito “fácil” descobrir que um vampiro está agindo, quando as pessoas da vila começam a falecer de uma doença misteriosa, que a fazem definhando e morrem de forma rápida, os especialistas interrogam e examinam os doentes e acabam chegando à conclusão de que foi um vampiro quando veem uma marca de mordida e as vítimas dizem ter vários pesadelos estranhos ou acontecimentos inexplicáveis até o momento. O que já foi, principalmente pelos nossos autores do mito do vampiro, dito que é um passo para se tornar um ou morrer.

Em sua novela, *Le Fanu* faz uma demonstração do testemunho de vítimas de Carmilla que se aproxima desses relatos históricos:

Comecei a ter sensações vagas e estranhas enquanto dormia. A mais marcante se assemelhava ao calafrio prazeroso que sentimos quando, banhando-nos num rio, caminhamos contra a corrente. Em seguida, tal sensação passou a ser acompanhada de sonhos intermináveis, e tão indistintos que eu jamais conseguia lembrar-me dos cenários, das pessoas, nem das ações. E esses sonhos causavam uma impressão terrível, e uma sensação de esgotamento físico, como se eu tivesse sido exposta a situações de perigo e a um longo período de esforço mental. Depois desses sonhos, quando eu acordava, restava-me a lembrança de ter estado num local tenebroso e falado com gente que eu não conseguia ver; lembrava-me, sobretudo, de uma voz clara, grave, de mulher, que falava como se estivesse ao longe, lentamente, e que sempre provocava em mim uma indescritível sensação de reverência e medo. Algumas vezes, eu sentia como se alguém passasse a mão, ternamente, pelo meu rosto e pelo meu pescoço. Outras vezes, parecia que lábios mornos me beijavam, com mais vagar e paixão à medida que se aproximavam de minha garganta, e ali as carícias se concentravam. Meu coração batia mais aceleradamente, minha respiração se tornava ofegante; surgia então um soluço, que parecia me estrangular e se transformava numa terrível convulsão, durante a qual eu perdia totalmente os sentidos (LE FANU, 2010, p. 94).

A *persona* do vampiro, como já foi visto, é formada por elementos e características adaptadas de seus precursores, sejam fantasmas, bruxas, lobisomens, etc., todos esses forneceram participação para o mito do vampiro. Vou aqui exemplificar alguns desses precursores.

Começamos pelo evocador, esse espírito malfeitor que volta dos mortos em forma corpórea e mata suas vítimas chamando-as pelo nome, se ele chama as pessoas pelo nome elas morrem algum tempo depois. Gautier Map³² faz um relato

32 Apud LECOUEUX, 2005.

sobre um acontecimento em algum momento entre 1149 e 1182 no país de Gales, quando um cavaleiro relatou o que estava acontecendo em seu povoado ao bispo de Hereford, Gilbert Foliot, a fim de lhe pedir conselhos de como proceder: um certo malfeitor morrera de forma suspeita e, após esse acontecimento, voltava todas as noites ao povoado chamando por concidadãos que, invariavelmente, morriam (*Apud* LECOUTEUX, 2005, p. 74). O bispo, contudo, dá a Guillaume Laudun uma explicação cristã, dizendo que o cadáver é somente um anjo caído que tomou posse do corpo inanimado, e para consertar isso ele deveria desenterrar o cadáver, cortar a cabeça com uma enxada, borrifá-lo, assim como o túmulo, com água benta e recolocá-lo no lugar. Porém a solução cristã/pagã dada pelo bispo acaba sendo ineficaz, pois o espírito continua com a matança e o que faz com que o povoado seja despovoado, pois as pessoas se encontram com medo do ser maléfico.

Uma noite, quando quase ninguém mais permanecia no povoado, o morto chamou o nome de Guillaume três vezes. Como este último era um homem corajoso e pronto, sem se vestir ele se precipitou sobre sua espada e perseguiu o demônio em fuga até o túmulo dele. No momento em este último penetrava no túmulo, ele lhe rachou a cabeça até o pescoço. A partir desse momento, o flagelo ambulante cessou de assediá-lo e não causou mais nenhum mal. (*Apud* LECOUTEUX, 2005, p. 75).

É importante notar que a solução dada pelo bispo não foi de serventia, mas o fato de o cavaleiro rachar a cabeça do morto resolveu a situação.

Outro espírito a tratar seria o Batedor, que mata suas vítimas quando bate à sua porta, então as vítimas vão atender a porta e o batedor as acaba matando inevitavelmente. Tem um relato sobre esses seres datado de cerca do ano 1000, mas que só foi divulgado por volta de 1300, que se passa no sudoeste da Islândia.

O tempo estava bom no dia de Natal e os homens passaram todo o dia fora. No segundo dia, Thorgils e seus companheiros deitaram-se cedo; já tinham dormido quando Jostein e seus amigos entraram ruidosamente na cabana e foram para a cama. Mal se tinham entendido quando bateram à porta. Um dos companheiros de Jostein levantou-se de um salto exclamado: “Com certeza é uma boa notícia!” Ele saiu, foi acometido de loucura e morreu na manhã seguinte: um homem ficou louco e declarou que via precipitar-se sobre si o defunto da véspera (*Apud* LECOUTEUX, 2005, p. 76-77).

Esse batedor nos remete ao que já vimos em muitas obras sobre o vampiro que é o fato de que o vampiro tem que ser convidado a entrar na residência, ou seja o lar

é um asilo inviolável para esses seres, que só podem adentrar mediante a autorização/convite do morador, como o doutor Van Helsing declara na obra *Drácula* de Bram Stoker.

Temos agora o Visitante, que é considerado muito semelhante ao batedor, tendo como diferença que não é dito se ele bate ou não na porta de suas prováveis vítimas. Existe um relato de um padre sobre esses seres que remonta ao início do século XVIII, sobre um homem da Liebava, Morávia, que foi considerado um vampiro e que estava causando o caos dentro do povoado, esse padre com o auxílio do cônego da catedral de Olmütz, montou um inquérito e fez o seguinte relato:

Procedemos, ouvimos as testemunhas; observamos as regras ordinárias de direito. As testemunhas depuseram que certo habitante notável de Liebava tinha incomodado frequentemente os vivos do referido lugar durante a noite; que ele tinha saído do cemitério e aparecido em várias casas, havia cerca de três ou quatro anos; que suas visitas importunas tinham cessado porque um estrangeiro húngaro, passando pelo povoado na época desses boatos, gabou-se de fazê-los cessar e fazer o vampiro desaparecer. Para cumprir sua promessa, subiu no campanário da igreja e observou o momento em que o vampiro saía de seu túmulo, deixando ao lado da cova as roupas com as quais o tinham enterrado, e depois ia assustar os habitantes do povoado. O húngaro, vendo-o sair da cova, desceu prontamente do campanário, roubou as roupas do vampiro e as levou consigo para a torre. O vampiro, ao voltar depois de aplicar seus golpes e não encontrar mais suas roupas, gritou com o húngaro, que lhe acenou do alto da torre: se ele quisesse reaver a roupa, que fosse buscá-la. O vampiro se dispôs a subir no campanário, mas o húngaro o derrubou da escada e lhe cortou a cabeça com uma enxada. Esse foi o fim da tragédia. (*Apud* LECOUTEUX, 2005, pp. 79-80).

É compreensível que esse morto vivo não seria um vampiro, porém essa é uma informação que faz perceber que *a priori* o termo designava os fantasmas antes de ser de posse dos sugadores de sangue. Muitos documentos da Europa devem ser bem analisados pois eles foram traduzidos de forma “orientada” e muitos dos termos eslavos para designação de fantasmas podem ter sido traduzidos como vampiros.

Lecouteux (2005) ainda coloca que esse tipo de fantasma é semelhante também ao evocador, pois o relato se assemelha bastante com o relato de Guillaume Ladun, que foi descrito por Gautier Map³³ (1135-1209), clérigo no reinado de Henrique II da Inglaterra.

33 Apud LECOUTEUX, 2005.

Temos ainda o vampiro faminto, que não era tão adepto da arte de sugar sangue, mas era um monstro devorador:

[...] numerosas denominações do vampiro do outro lado do Reno conotam a noção de fome e de devoração: *Nachzehrer*, do verbo *zehren*, “devorar”; *Gierhals*, em que a raiz *Gier-* exprime avidez, já que o termo se traduz por “boca ou goela ávida”; ou, ainda, *Gierfrab*, do verbo *fressen*, “comer como um animal”. (*Apud* LECOUTEUX, 2005, p. 87).

Há relatos acerca de seres devoradores sobrenaturais desde 217 d.C. com Filostrato³⁴, que fala acerca de uma vampira (*Empusa*), que seduzia suas vítimas e buscava prazeres carnisais, além de devorar a carne dos humanos. Mas não nos enganemos, as empusas eram demônios. O que, a propósito, lembra novamente Carmilla, que buscava saciar seus prazeres carnisais em Laura, já que esses seres tinham o costume de se nutrir de humanos jovens e belos, pois seu sangue seria mais puro.

Segundo Lecouteux (2005), é somente no século XI que se ouve falar dos famintos. Um testemunho escandinavo que foi repassado por Saxon³⁵, o Gramático (início do Século XII), fala sobre a fome desses mortos devoradores, segundo o relato de Asmund³⁶ que se enterrou vivo com seu amigo Asvit e todos seus pertences, a qual jurou lealdade, mas quando Asmund é retirado do túmulo pelos saqueadores de tumbas, ele declara seu martírio:

Tive que sofrer uma prova terrível porque, voltando à vida, Asvit me arranha com suas unhas, luta com todas as suas forças e, voltando ao reino dos mortos, trava embates terríveis após a morte ... Com seus dentes medonhos, ele devora o cavalo, enfia – que horror! – o cão na boca. Mas o corcel e o cão não lhe bastaram e ele virou para mim suas unhas cortantes, abriu-me a face, me roubou a orelha ... Mas esse horror não tardou a ser punido: com um golpe certo, fiz voar sua cabeça e atravessei com uma estaca o corpo malfeitor (*Apud* LECOUTEUX, 2005, p. 85).

A informação da estaca é um elemento que não cessaremos de encontrar em relatos de vampiros, pois ela aqui foi utilizada para deixar o monstro imóvel em sua

34 *Apud* LECOUTEUX, 2005.

35 *Apud* LECOUTEUX, 2005.

36 *Apud* LECOUTEUX, 2005.

tumba. A estaca era uma prevenção para que o vampiro não saísse de sua tumba, mas ela foi muito utilizada pelos autores e cineastas para a morte definitiva do vampiro, por meio de uma estaca de madeira atravessando-lhe o peito.

Temos agora o Nonicida, que basicamente é um fantasma que provoca as exatas nove mortes de parentes. Acredita-se que ele atraia aqueles a que ele mais amava para lhe fazer companhia na morte, pois ele os ama tanto que não poderia ficar sem eles, esse sentimento de posse remete de novo a Carmilla que queria Laura com ela na sua não-vida, declarando que Laura era sua: [...] com olhos cheios de desejo, ela me puxava para si, e seus lábios quentes cobriam-me de beijos [...] e ela sussurrava, quase soluçando: “És minha, serás minha; tu e eu seremos para sempre uma só”. (LE FANU, 2010, p. 68.).

As notícias mais antigas acerca do nonicida é de um jornal de 31 de julho de 1725, porém esse fantasma já se encontrava com características de sugador de sangue.

Há dez semanas, no povoado de Kisolova, no distrito de Rahm, um indivíduo de nome Peter Plogojovitz morreu e foi enterrado à maneira das pessoas de Raetz; então, aconteceu o seguinte: no povoado de Kilosova, nove pessoas, velhos e jovens, após uma doença que evoluiu rapidamente em 24 horas, morreram num intervalo de oito dias apenas e, jazendo ainda vivas em seu leito de morte, testemunharam que o referido Plogojovitz (morto havia dez semanas) aparecera durante o sono, deitara-se sobre elas e lhes apertara a garganta tão fortemente que agora elas iam entregar a alma a Deus. Os habitantes, vivamente aflitos, tiveram seus temores ainda mais reforçados porque a mulher, interrogada por eles, confessou que seu marido tinha vindo reclamar seus sapatos a fim de deixar Kisolova e dirigir-se a outro povoado. Ocorre que tais pessoas, chamadas de *vampyri*, existem diferentes sinais de ausência de decomposição do corpo ... Assim, os habitantes se puseram de acordo para abrir o túmulo de Peter Plogojovitz, a fim de ver se os referidos sinais estavam presentes. É por isso que eles se dirigiram a mim [é o oficial imperial do distrito de Gradiska, na Hungria, quem fala] para me colocar a par e me pedir se eu poderia assistir a essa visita com o pope. Eu respondi que essa operação requeria primeiro a aprovação da Administração e que eu me encarregaria do pedido, mas eles não quiseram saber de nada. Deram-me esta resposta peremptória: eu devia fazer o que quisesse e já que eu não queria que essa visita fosse feita sem permissão das autoridades, eles se sentiriam obrigados a abandonar suas casas porque, enquanto o consentimento de Belgrado, todo o povoado (como tinha acontecido com os turcos) corria o risco de ser aniquilado pelos maus espíritos. (*Apud* LECOUTEUX, 2005, p. 88).

Então, depois do oficial e o pope examinar o cadáver de Peter, “Não sem espanto, descobri em sua boca um pouco de sangue fresco que, segundo o que ouvi dizer, proviria da sucção dos indivíduos mortos por Peter Plogojovitz” (*Apud*

LECOUTEUX, 2005, p. 88). Portanto, depois dessas constatações o morto teve seu corpo exumado, lhe enfiaram uma estaca transpassando o coração e depois o queimaram até só restar pó, como diz o básico sobre combate a vampiros, até agora. Além de tudo, é constatado que Peter seria um nonicida, vampiro, estrangulador e viajante, segundo o relato, pois, ele possuía todas as características destes, além de possuir a características em comum com o fantasma evocador do relato de Gillaume Laudun³⁷.

Temos, ainda, o *Appesart*, que seria um espírito que se lança sobre as pessoas que passam por lugares incertos, como cemitérios, encruzilhadas, lugares abandonados, florestas assombradas, etc., um mito recorrente até o século XIX. A pessoa em quem ele se lança acaba sentindo fraqueza como se seu sangue estivesse sendo drenado, e acaba falecendo em pouco tempo, além dele sugar a energia vital das vítimas, ele as faz o carregar pela estrada, sem elas perceberem o que estão fazendo, por isso esse espírito teria a explicação de ser justamente um produto do medo que as pessoas têm quando passam por lugares com uma energia espiritual má, ou que lhe causem medo.

O Pesadelo é um tipo de morto que tem características muito similares com o supracitado *Appesart*, pois ele ataca as pessoas quando elas estão mais indefesas, que é na hora de dormir, o pesadelo pesa sobre as pessoas e as estrangula causando sensação de falta de ar, o comportamento do vampiro é ligado ao pesadelo desde o fim do século XVI até século XVIII, o que lembra muito a paralisia do sono, que traz uma boa explicação para o pesadelo.

Contudo, o pesadelo é bem disseminado na literatura moderna como a sensação que fica depois do encontro noturno com o vampiro, a sensação de dificuldade respiratória e que algo de ruim está acontecendo, como acontece com Laura, quando Carmilla vem sugar seu sangue, ela se questiona sobre ter sido somente um pesadelo:

Naquela noite, tive um sonho que marcou o início de uma agonia demasiada estranha.

Não posso dizer que foi um pesadelo, pois eu não tinha certeza que estava dormindo. Mas tinha certeza também de estar no meu quarto, deitada na minha cama, exatamente como, de fato, estava. Eu via, ou imaginava ver, o

37 Apud LECOUTEUX, 2005.

quarto e o mobiliário conforme de costume, exceto que tudo estava mergulhado na escuridão; ainda assim, eu via algo movendo-se ao pé da cama, algo que, a princípio, eu não conseguia enxergar com nitidez. Mas, de súbito, vi um animal preto [...] semelhante a um gato monstruoso. [...] Eu não conseguia gritar, embora, como o leitor bem pode imaginar, estivesse apavorada. [...] Senti quando ela pulou, suavemente, na minha cama. Os dois olhos grandes se aproximaram do meu rosto e, de repente, senti uma pontada ardida, como se duas grandes agulhas penetrassem, a dois ou quatro centímetros de distância uma da outra, fundo em meu peito. Acordei com um grito (LE FANU, 2010, p. 88).

Os estranguladores, como diz o nome, são aqueles vampiros que estrangulam suas vítimas, o que remete a sensação de estrangulamento, que as vítimas dos apesarts e dos pesadelos descrevem, como também esses estranguladores podem se metamorfosear em animais, e nesse relato específico um humano, como relata Charles Ferdinand de Schertz³⁸ no livro *Magia posthuma* de 1706, onde ele fala acerca de uma mulher de um povoado.

Os habitantes do povoado viram um espectro que aparecia sob a forma ora de um cão, ora a de um homem, não uma pessoa, mas várias, e lhe causava grandes dores apertando-lhes a garganta e comprimindo-lhes o estômago até sufocá-los; ele até lhes alquebrava o corpo e os reduzia a uma fraqueza extrema, de maneira que se mostravam pálidos, magros e extenuados. O espectro atacava até mesmo animais, e encontraram vacas abatidas e quase mortas. (*Apud* LECOUTEUX, 2005, p. 93).

Como Carmilla também faz ao se transformar em algo parecido com um gato monstruoso para se alimentar de Laura.

Já o Mastigador é o vampiro que dentro do túmulo faz barulhos de mastigação, como se estivesse mastigando algo. Dom Calmet³⁹ faz referência à ele quando diz que os vampiros tem uma fome incontrolável, como os famintos, mas estes acabam comendo suas vestes e partes de seus próprios corpos dentro do túmulo, por isso o barulho, se tem relatos desse vampiro entre os séculos XV e XIX; o bom desses mastigadores é que eles são passivos, já que eles não saem da sepultura, só comem suas vestes, matando à distância: quando o mastigador termina de comer seu traje, os parentes do morto acabam morrendo, o que é bastante perigoso, já que alguém teria que ouvir o mastigador e acabar com ele.

38 *Apud* LECOUTEUX, 2005.

39 *Apud* LECOUTEUX, 2005.

Existe um testemunho datado do século XV, dos inquisidores Jacques Sprenger e Henry Institoris:

Um de nós, inquisidores, encontrou uma cidade (fortificada) quase esvaziada de habitantes pela morte. Por outro lado, corriam rumores de que uma mulher [morta] enterrada tinha pouco a pouco comido a mortalha inteira. Tomaram uma resolução. O preboste e o prefeito da cidade, cavando a sepultura, encontraram quase a metade da mortalha enfiada na boca, na garganta e no estômago, e já digerida. Diante desse espetáculo, o preboste transtornado tirou sua espada e, cortando a cabeça, jogou-a para fora da cova. Imediatamente a peste cessou. (*Apud* LECOUTEUX, 2005, p. 95).

Esse tipo de morte ficou bem popular com o passar dos séculos, o que fomenta o mito do vampiro, porém o problema na verdade provavelmente seria a epidemia de peste, que se alastrou pela Europa, e casos de catalepsia, já que era comum algumas pessoas acabarem sendo enterradas vivas, pode ser que no desespero por alimento, eles acabassem mastigando suas vestes e até pedaços de seus corpos, por sobrevivência.

Com isso o mito dos mastigadores se espalhou bastante, já que eles foram um dos principais precursores do vampiro, além deles matarem de forma mágica de dentro do túmulo e as vezes assumirem características dos estranguladores. O padre Gabriel Rzaczynski⁴⁰ relata sobre essa crença na Polônia desde os anos de 1710:

Ouvi dizer muitas vezes, por testemunhas dignas de fé, que foram encontrados cadáveres que não apenas permaneceram muito tempo incorruptos, flexíveis e corados (*incompactum, flexibile, rubicundum*), mas também que mexiam a boca, a língua e os olhos, que tinham engolido a mortalha com a qual foram enterrados e tinham até mesmo devorado partes do próprio corpo (*vorare partes sui corporis*). Entretanto, espalhou-se a notícia de um cadáver como esse que saiu do seu túmulo, perambulou pelas encruzilhadas e diante das casas, aparecendo às vezes para um, às vezes para outro, atacou mais de uma pessoa para estragá-la. Quando se trata do cadáver homem, as pessoas chamam de *upier*, se for o de uma mulher, *upierzycza* [...] (*Apud* LECOUTEUX, 2005, pp. 98-99).

Por último, mais não menos importante, temos os metamorfos, aqueles que podem se metamorfosear em animais, eles são encontrados desde os anos de 1210 e relatos sobre eles se multiplicam no século XV. No ano de 1605 Martin Kolbitz⁴¹ fala

40 *Apud* LECOUTEUX, 2005.

41 *Apud* LECOUTEUX, 2005.

sobre ele e o fato de ele também pular sobre as pessoas e os viajantes, fazendo com que eles fiquem extremamente fracos e acabem por falecer, os que faz com lembremos dos *Appesart*, que já vimos anteriormente.

Na primavera e no verão, aqui em Neustadt e em muitos outros lugares, apareceu um monstro, muitas vezes sob a forma de um cão, outras sob a de um bezerro, durante a noite, antes e depois de meia-noite; foi chamado de Rothe ou Dothe. Ele perseguiu terrivelmente as pessoas na estrada que vai de Baumgarten a Frankenberg, nas proximidades do bosque. Apareceu para os viajantes em pleno dia e se jogou sobre eles; atormentou violentamente os transeuntes, de tal modo que ninguém mais ousou seguir essa estrada; quando Martin Riedeln, o moleiro, ia por ela, foi tão molestado que morreu três dias depois. (*Apud* LECOUTEUX, 2005, p. 100).

Era dito, ainda, que esses seres poderiam se metamorfosear também em seres parasitários, como pulgas e carrapatos, que são justamente seres sugadores de sangue.

Na obra de Le Fanu, *Carmilla* também tem a habilidade de metamorfosear, como Laura relatou quando tem encontro com tal animal.

[...] vi um animal preto, cor de fuligem, semelhante a um gato monstruoso. Parecia ter cerca de 1,20m ou 1,50m, pois era do tamanho do tapete que ficava diante da lareira; e andava de um lado para o outro, com o nervosismo ágil e sinistro de uma fera enjaulada (LE FANU, 2010 p. 88).

Até agora, foi visto que o vampiro englobava uma pluralidade de indivíduos, seja por tradução, ou porque o relator já estava mais familiarizado com o mito do vampiro, e como já vimos o irracionalismo acerca daquilo que não pode ser explicado pela ciência até o momento, mesmo no Iluminismo, era um motivo para ser explicável pelo sobrenatural.

Vemos agora, algumas denominações que são usados para se referir a vampiros, sejam esses termos originários do imaginário dos autores góticos já citados nesse trabalho, ou termos que remontam de anos antes dessas literaturas fantásticas.

Temos o *Vârkolac*, que os dicionários russo-latinos do século XIX traduzem como “eclipse de lua” e como “espectro composto de um cadáver e um demônio”, sendo que o primeiro significado acaba nos lembrando os lobisomens e o segundo a possessão demoníaca. Diz a lenda que esses seres ficam em seus túmulos por sete anos, e depois, saem na forma de um garoto negro para sugar o sangue de suas

vítimas, e isso pode durar semanas ou meses de visitas, até que a pessoa morra, se nada for feito para ter uma reposição de sangue, como acontece com Lucy Westenra na obra de Bram Stoker (*Drácula*). O Vârkolac também possui habilidade de se metamorfosear e de diminuir seu tamanho para entrar em lugares de difícil acesso.

O *Opyr* é um dos mais famosos, pode ser chamado de upyre ou oupire, como é o caso no romance de Le Fanu, quando Laura se pergunta se sua fraqueza estaria relacionada ao oupire que os camponeses estavam falando.

Não poderia ser o mal horrendo que os camponeses chamaram de oupire, pois meu sofrimento já durava três semanas, e as vítimas do oupire raramente definhavam durante mais de três dias, pois a morte abrevia-lhes a aflição. (LE FANU, 2010, p. 95).

Já *Vurdalak* foi o termo utilizado por Alexis Tolstói⁴² para denominar seu personagem. Mas o termo foi parar no vocabulário das pessoas por causa de Pushkin⁴³ que o usa em seus escritos, porém o *Vurdalak* é um vampiro ordinário, é somente aquele que sai do túmulo e suga o sangue dos humanos, é uma característica bem comum da literatura acerca dos vampiros.

Brucolaque é um termo utilizado por Calmet⁴⁴, mas ele se origina da Grécia, e era utilizada para designar o fantasma ou zumbi que atacava rebanhos. Porém em 1721, o bispo Abranches faz uma descrição da palavra: “A palavra *brucolaque* vem do grego moderno bourcos, que significa “lama”, e de laucos que significa “fossa”, “cloaca”, porque afirma-se que os túmulos onde são colocados esses corpos encontram-se geralmente repletos de lama” (LECOUTEUX, 2005, p. 105).

O grande *Nosferat* ou *Nosferatu*, como ficou mundialmente conhecido por causa do filme homônimo de 1922, foi batizado através de uma mistura de diferentes seres das lendas romanas como nosferat, que queria dizer um fantasma, murony, strigoï, moroiu e o stafia, que falaremos a seguir. Contudo, o nosferatu é, na maioria das vezes, um natimorto que depois que é enterrado volta à vida deixando o túmulo e nunca mais volta, ele consegue se metamorfosear em animais, suga o sangue de suas

42 Apud LECOUTEUX, 2005.

43 Apud LECOUTEUX, 2005.

44 Apud LECOUTEUX, 2005.

vítimas e dorme com as mulheres, porém se dessa relação sexual nascer uma criança, ela será uma aberração da natureza e depois que morrer vai se transformar em vampiro também, só que em um outro tipo de vampiro, o moroui.

O *Moroui* é muito semelhante ao *Apessart*, mas são crianças que não foram batizadas ou que nasceram mortas (muitos são filhos ilegítimos), que podem se metamorfosear em cães ou gatos e pulam sobre as pessoas, as deixando loucas ou doentes. Para se livrar deles é só batizar a criança e continuar jogando água benta sobre o túmulo por sete anos seguidos. Porém esses morouis também podem aparecer na forma de uma mulher quando dá meia noite como uma espécie de fantasma feminino e acabam desfigurando quem quer que encontre em seu caminho.

O *Murony* seria um filho ilegítimo de dois filhos ilegítimos que sai pela noite sugando o sangue das pessoas e depois volta para seu túmulo, ele é só poderia ser morto com a famosa estaca de madeira transpassando-lhe o peito ou se for queimado até virar pó. Esse tipo também pode se metamorfosear em animais, além do que ele é bastante perigoso porque não necessariamente ele deixa marcas de mordida nas pessoas de quem se alimenta.

O *Strigoï* tem como característica possuir aspectos humanos, porém podem possuir olhos vermelhos, unhas afiadas, cauda ou boca larga, eles sugam bastante sangue e podem possuir no lugar das pernas patas de animais, eles saem do túmulo a meia noite levando seu caixão e provocando diversas doenças ou devorando as pessoas, além de também poderem metamorfosear-se. Seus lugares comuns são lugares considerados impuros, como já vimos anteriormente quando tratamos dos tipos de morte.

Já a *Stafia* é uma entidade que vem ao mundo quando pedreiros medem a sombra de um humano ou animal que cai em uma construção e os pedreiros o enterram, ele acaba virando um tipo de assombração do lugar. Porém nas tradições populares o *stafia* é caracterizado por uma mulher de cabelos muito longos que chegam ao chão e possuem o peitoral de ferro, ela pode aparecer nua ou vestida de branco, são criaturas monstruosas, ela pode aparecer como um animal também, geralmente aparecem a noite em busca de comida e vão embora quando o sol raia.

Finalmente chegamos aos *Vampir*, que foi denominado desse modo em 1732 por uma pessoa que somente se identifica pelas iniciais W. S. G. E.⁴⁵; o autor afirma que o termo se insere no vocabulário das pessoas após um escrito de 1745 chamado “As viagens de três cavaleiros ingleses, de Veneza a Hamburgo”, nesse escrito o autor descreve vários casos de vampiros ao longo da Europa e que em suma esses seres são cadáveres que voltam a vida e saem de seus túmulos em busca de sangue dos vivos.

Depois de tudo que foi visto ao longo desse trabalho, podemos perceber que todos esses mitos apresentam muitas semelhanças entre si, porém também possuem suas diferenças, o que torna os limites para cada entidade um pouco abstrato, pois dependendo de onde se esteja, geograficamente e temporariamente falando, as concepções podem ser particularizadas como fundidas, ou até somente repaginadas. Quando mais o tempo vai passando, mais as informações vão se tornando imprecisas e caóticas, tiremos pelos muitos percursores dos vampiros que vimos. A única certeza que se tem é que esses vampiros eram reais para as pessoas e tinham que ser eliminados custe o que custasse para que se pudessem viver em paz. Mesmo hoje em dia temos explicações mais razoáveis para o que acontecia, como já citado as epidemias de doenças, catalepsia, atormentações psicológicas, doenças que não se tinha conhecimento etc.

Segundo Penteado (2019), muitos críticos dizem que a personalidade de Carmilla, a vampira criada por Le Fanu, teve muita influência da história da condessa Elizabeth Báthory de Ecsed⁴⁶ (1560-1614), uma mulher da Hungria que matou centenas de jovens para utilizar de seu sangue na preservação da juventude de seu corpo e beleza. Além da semelhança que esta teria com Carmilla não só nas mortes que esta protagonizava, como, também, na conduta homoafetiva que as duas apresentavam. Além disso, na literatura, talvez uma forte influência tenha sido *Christabel* de Coleridge⁴⁷, onde a supracitada se encontra com uma mulher de nome Geraldine, que diz ter sido atacada por bandidos. Christabel lhe oferece abrigo e

45 Apud LECOUTEUX, 2005.

46 Apud PENTEADO, 2019.

47 Apud PENTEADO, 2019.

comida, elas acabam se despindo e deitando juntas, momento em que Chistabel percebe que Geraldine possui a pele enrugada e velha. Elas têm seus momentos íntimos, e quando acordam pela manhã Geraldine está magnificamente jovem e estonteante, no poema não é dito diretamente a natureza vampírica de Geraldine, porém mediante as características descritas, não resta dúvidas de sua natureza.

De modo geral a mulher sempre foi mais associada à natureza, o que inclui também sua ligação com o mistério da vida, em virtude da maternidade, que sempre foi uma incógnita ao homem. A mulher é ao mesmo tempo associada à morte e à vida.

Temos também outras figuras de mulher vampira, como Lilith, que é datada de cerca de dois mil antes de Cristo: é uma mulher demônio muito bela e foi associada a muitas outras culturas ao longo dos séculos além da cristã, como a hebraica, babilônica, sumérica etc., porém ela ficou mais conhecida por ter sido a primeira mulher de Adão, e por ela ter uma postura mais imponente, não se submetia a Adão, então ela o abandona, porém Deus a amaldiçoa e como vingança ela passa a sugar o sangue dos descendentes de Adão.

Temos também a Lamia, que quando humana era uma rainha da Líbia, porém foi castigada sendo destituída de seus filhos por Hera, por Lamia ter dormido com Zeus, seu marido. Em decorrência desse castigo Lamia enlouquece e vai parar em uma caverna sugando o sangue e mantando por quem por lá passasse, além de ter adquirido a capacidade de metamorfosear-se ao longo dos anos. Assim como outras criaturas mulheres vampiras, como a Strix e a Langsuyar, o que elas tinham em comum era justamente isso, ser mulheres e sugadoras de sangue de jovens ou crianças, e serem inspirações precursoras da vampira na literatura gótica do século XIX.

4 CAPÍTULO III – CARMILLA E LAURA: UMA REPRESENTAÇÃO VAMPIRESCA DO AMOR LÉSBICO

Joseph Thomas Sheridan Le Fanu (1814-1873) era natural de Dublin, Irlanda, oriundo de uma família de refugiados protestantes franceses. Sua carreira na literatura se divide em três períodos. A priori, nos anos de 1838 a 1848 ele escreve baladas, canções e contos com base na história da Irlanda. O segundo período se inicia quando ele se casa com Susan Bennett em 1848, com a qual teve quatro filhos, pois é quando ele passa a se destacar no âmbito jornalístico e nos escritos de periódicos, principalmente para a universidade de Dublin. Ele também acaba escrevendo seu primeiro romance durante esse período, *The Cock and Anchor*, em 1850. Porém, com a morte de Susan, em 1858, ele acaba ficando profundamente abalado e por isso acaba se exilando em sua própria casa, o que também se refletiu em seu trabalho literário. O que nos leva ao último período de sua carreira literária, que é o dos romances góticos, que é considerada sua fase mais criativa: esse período se iniciou em 1863 com *House by the Churchyard*, seguido por *Uncle Silas*, de 1864. A ascendente qualidade de seus escritos o levou a ter seus contos publicados em uma das revistas mais notáveis da Inglaterra, *All the Year Round*, organizada por Charles Dickens⁴⁸.

Le Fanu teve profundo impacto na literatura, com seu primeiro investigador do sobrenatural em *In a Glass Darkly*, Dr. Martin Hesselius, que guia o enredo da obra, influência que será vista em Van Helsing no romance gótico de Bram Stoker e com Sherlock Holmes de Arthur Conan Doyle. E uma das mais importantes obras de Le Fanu, *Carmilla*, que é justamente a que trataremos, também foi publicada nesse período de luto na revista *Dark Blue* em formato de folhetim, nos anos de 1871 e 1872.

Le Fanu acaba falecendo em 1873, vítima de um ataque cardíaco, logo depois de publicar seu romance *Desejando morrer*, e sua morte fez com que seus escritos fossem deixados de lado por um tempo, sendo revisitados por M. R. James⁴⁹ em 1923, na coletânea *Madam Crowl's Ghost and Other Tales of Mystery*. Contudo, hoje em dia

48 Apud LE FANU, 2010.

49 Apud LE FANU, 2010.

seus trabalhos vêm sendo cada vez mais trazidos à superfície pelos/as novos/as leitores/as, também sendo levados para os círculos acadêmicos que estudam a literatura gótica.

Ele foi um dos autores mais populares do século XIX no Reino Unido: escrevendo cerca de trinta contos e quatorze romances, ele é considerado por muitos como o pai das histórias sobrenaturais modernas, em decorrência de suas narrativas sobre ficção sobrenatural, e seu foco nos efeitos psicológicos desses eventos, criando uma base para a literatura do horror.

Mas foi com a literatura vampírica que Le Fanu construiu e deixou seu maior legado, com a criação de uma das obras mais conhecidas sobre vampiros, depois de *Drácula*: a novela *Carmilla: a vampira de Karnstein*.

A história em *Carmilla* é narrada por Laura, uma jovem de dezenove anos que perdeu a mãe ainda cedo, mas teve um tipo de governanta, madame Perrodon, que compensava de alguma forma a ausência da mãe, que Laura nem se lembra. Ela vive também com uma espécie de professora, mademoiselle De Lafontaine, como também com seu pai, um inglês e um ex-soldado do exército da Áustria, que, quando foi reformado, comprou o castelo e a terra que o rodeia, cenário onde a história se passa.

Laura vive nesse castelo isolado, cercado por uma floresta que se estende por cerca de vinte cinco quilômetros para a esquerda e direita, localizado na Estíria, tendo o vilarejo habitado mais próximo uma distância de mais ou menos onze quilômetros e o castelo mais próximo, sendo do general Spielsdorf, que fica à quase trinta quilômetros de distância. Mas, possui também a cerca de cinco quilômetros um vilarejo desabitado, que era pertencente à família de Carmilla, os Karnstein, mas que para todos os efeitos se encontra extinta.

Laura tinha uma vida cotidiana bastante solitária, pois suas companhias eram mais velhas e as visitas eram de jovens de sua idade eram em maioria esporádicas. Logo no começo do romance, Laura relembra uma experiência paranormal que aconteceu com ela quando tinha cerca de seis anos de idade, quando ela acordou e se encontrou sozinha dentro de seu quarto, porém viu uma pessoa de rosto bonito, ao pé da cama a olhando, o que foi se aproximando cada vez mais e subiu na cama abraçando e consolando a pequena Laura, fazendo com que ela voltasse a dormir; porém ela acorda logo depois com a sensação de duas agulhas penetrando-lhe o peito e gritando, e ver a figura se afastar e sumir embaixo de sua cama.

Logo depois, os empregados entraram no quarto em busca do que tinha acontecido com a criança, porém quando entraram no quarto, não encontraram nada de errado, Laura não possuía nem mesmo as marcas dos ferimentos que ela alegava ter acontecido.

Depois Laura volta a relatar sobre seus dezenove anos: em certa ocasião, ela estava caminhando com seu pai pela floresta do castelo quando este lhe relata que recebeu uma carta do general Spielsdorf, seu vizinho, informando que não poderia fazer a visita que tinha planejado, por causa da morte de sua filha Bertha. Ele não entra em detalhes, mas afirma que sua filha foi morta por um ser maléfico a quem ele achava ser inocente e que se aproveitou de sua hospitalidade, e que daria mais informações dentro de dois meses quando o fosse visitar, pois iria dedicar-se a caçar esse ser.

Laura fica muito triste com a notícia, pois era uma garota sozinha e estava ansiosa pela visita de uma possível amiga. Contudo, nesse mesmo dia no período da noite, quando pai e filha estavam voltando da caminhada, encontram com madame Perrodon e mademoiselle De Lafontaine, que tinham saído para dar uma volta e apreciar o luar, e nesse passeio foi que ouviram o barulho de uma carruagem vindo com um cortejo, porém um dos cavalos se assustou com algo, fazendo com que os outros cavalos saíssem em disparada desgovernada na direção dos quatro, porém antes que chegasse até eles a carruagem deu uma guinada e acabou perdendo uma das rodas, tombando em seguida.

Enquanto os homens do cortejo estavam tentando tirar os arreios dos cavalos, sai da carruagem uma mulher vestida de preto e é retirada da carruagem uma jovem que estava aparentemente morta. O pai de Laura vai prestar socorro e garante que a jovem não está morta, a mulher de preto era uma mulher vistosa, segundo Laura, porém pálida em detrimento de sua postura altiva e autoritária.

A senhora começa a divagar sobre sua viagem, que se encontra atrasada e que não pode esperar que sua filha se recupere do acidente, e pergunta ao pai de Laura onde fica o vilarejo mais próximo para que ela possa deixar a filha de saúde frágil pelos próximos três meses.

Laura pede ao pai que permita que a filha fique hospedada no castelo, pois seria uma excelente companhia para ela. Os dois acabam se resolvendo para que a jovem fique no castelo durante os três meses e depois a senhora, sua mãe, viria

buscá-la. Não teria nada de errado, segundo Laura, até porque a carruagem em que viajavam era tão ilustre que não poderia ser de alguém de má índole.

Num primeiro momento, quando a jovem acorda, está atordoada e vai lembrando-se aos poucos do acidente. Madame Perrodon conta a ela o que se sucedeu, e quando Laura se aproxima, mademoiselle De Lafontaine diz que é melhor ela esperar um pouco para se aproximar pois a jovem não daria conta de muitas pessoas por vez à sua volta.

Foi preparado um quarto para a jovem repousar. Já Laura ficou, naquela mesma noite, no salão conversando com madame, mademoiselle e seu pai a respeito da jovem, compartilhando as opiniões sobre o ocorrido e tecendo elogios à bela garota.

Contudo, no meio do assunto, mademoiselle levanta a questão sobre uma mulher negra que estava dentro da carruagem, que tinha aspecto assustador e estava olhando o desenrolar da situação e rindo da situação. Foi notada, também, a aparência estranha dos homens que estavam com a carruagem, que tinham aspecto sombrio.

Movida por sua curiosidade, Laura vai falar com seu pai em particular, e este conta que conversou com a mãe da jovem, e que a mãe lhe informou que a jovem teria a saúde um pouco frágil, e que ela não daria nenhuma informação a respeito dela mesma, sobre sua família ou qualquer outro detalhe que ela considerasse particular; ao final o pai expressa sua preocupação em não estar sendo um tolo em abrigar a jovem em seu castelo.

Quando Laura finalmente tem permissão para ver a nova hóspede ela se assombrou, porque a jovem que estava diante de si era a mesma que a visitara anos atrás. Seu espanto logo dá lugar ao extraordinário, pois a jovem também se lembra de ter sonhado com Laura, e diz ser o destino as juntando, já que, quando crianças, uma teria sonhado com a outra.

As únicas informações que Laura tira da jovem é seu nome, Carmilla, que vem de uma família nobre e que morava a oeste. Carmilla se recusava a dar quaisquer outras informações pertinentes, nem nome de família, nem de que país veio ou o nome de sua propriedade.

Laura a acha muito linda e extremamente encantadora, fazendo com que Laura se afeiçoe rapidamente a Carmilla.

Era esbelta, e extremamente graciosa. Exceto que seus movimentos eram lânguidos – *sumamente* lânguidos; é verdade que nada em sua aparência sugeria invalidez. A pele era saudável e viçosa; os traços eram delicados e belamente delineados; os olhos eram grandes, escuros, e brilhantes; os cabelos eram maravilhosos – nunca vi cabelos tão fartos e tão sedosos, sobretudo quando soltava à altura dos ombros; muitas vezes, apalpei-lhe os cabelos, rindo de alegria... (LE FANU, 2010, p. 65).

Há então todo um desenvolvimento de intimidade entre as duas, com Carmilla com seus gestos românticos e Laura sentindo-se ao mesmo tempo uma atração e uma repulsa a respeito de Carmilla, repulsa essa que pode ser decorrente de seus instintos primitivos querendo avisá-la do perigo. Contudo a relação tem seu rumo, com Carmilla a cortejando e Laura descobrindo seus sentimentos a respeito dela. Porém, Laura fica um pouco receosa para com Carmilla, pois ela possui muitos hábitos estranhos, como dormir com a porta trancada e se recusar a dormir acompanhada de uma criada, dormir até meio-dia, dificilmente se alimentar e pequenos acessos de raiva, como quando teve o cortejo fúnebre do enterro da filha de um dos guardas florestais, em que Carmilla se revolta por Laura estar acompanhando o hino do cortejo.

Minha companheira sacudiu-me, um tanto bruscamente; virei-me para ela, surpresa.

Ela disse em tom áspero:

– Você não percebe como isso não faz o menor sentido?

– Ao contrário, acho isso muito bom – respondi, aborrecida... (LE FANU, 2010, p. 70).

Nessa situação Carmilla volta a requerer contatos físicos com Laura pedindo que esta segure sua mão, e foram sentar em outro banco, para que Carmilla se acalmasse, e está também pediu que lhe abraçasse. Foi aí também que Laura presencia pela primeira vez a evidência da tal saúde frágil de Carmilla, como também um outro lado de seu temperamento.

Outro aborrecimento foi quando um andarilho lhes ofereceu amuletos contra os oupires⁵⁰, que segundo o mesmo estavam assolando a região e causando as mortes de jovens como a do cortejo, e depois de olhar bem para Carmilla, constatou seu dente pontudo e afiado, e se ofereceu para arredondá-lo, porém Carmilla se aborrece e lança palavras enfurecidas ao homem, que vai embora. Tão logo o andarilho se foi, ela volta ao normal.

50 Cf. supra, p. 39.

Enquanto isso os incidentes continuam acontecendo e as jovens definhando e morrendo, o que, segundo o pai de Laura, era causado por alguma infecção, e que o povo queria procurar uma explicação nas próprias superstições. Nessa conversa entre os três, Carmilla fala acerca de isso poder realmente assustar alguém, e o pai fala para que ela discorra mais sobre o assunto e eles acabam tendo uma conversa sobre natureza, que acaba com o pai dizendo que ia mandar um médico vir, porém Carmilla alega que médicos nunca a ajudaram. Laura se intriga e a pergunta sobre isso, e Carmilla diz que se acometeu da mesma doença, porém se esqueceu disso, menos da fraqueza e da dor que isso proporcionou. Quando Laura faz mais perguntas Carmilla desvia do assunto e a leva para fora da sala, e vão conversando sobre a morte. E mais uma vez Carmilla age de maneira galante.

– Mas, morrer como amantes... morrer juntas, para poder viver juntas. Meninas são como lagartas enquanto vivem neste mundo, mas se transformam em borboletas quando chega o verão; no entanto, nesse ínterim, há vermes e larvas, você entende? Cada qual com suas propensões específicas, suas necessidades e estruturas (LE FANU, 2010, p. 77).

Algum tempo depois, chega ao castelo o filho do restaurador de pinturas, trazendo quadros que o pai tinha mandado restaurar. Carmilla fazia pouco caso do acontecido, enquanto os quadros eram exibidos após restaurados. Os quadros eram pertencentes à mãe de Laura, que pertencia a uma antiga família húngara, e os quadros tinham chegado ao castelo por causa dela, mas era a primeira vez que Laura as via, porque antes as pinturas estavam cobertas de poeira e fumaça advindas do tempo que tornava impossível a apreciação destas.

Porém, quando o pai pede para ver um quadro específico, o retrato de uma certa Mircalla Karnstein de 1698, é que Laura vê a figura no quadro e logo percebe a fantástica semelhança entre Mircalla e Carmilla, e fica tão feliz de ver esse quadro que pede que o pai a deixe colocá-lo em seu quarto. Nesse momento descobrimos que Laura é descendente dos Karnstein por parte de mãe, e Carmilla acaba dizendo que também deve ser uma descendente distante, e ainda pergunta se ainda tem algum Karnstein vivo, em que lhe respondem que não tem ninguém que ainda mantenha o sobrenome, pelo menos, e ainda lhe conta que ainda existem as ruínas do castelo dos Karnstein, que ficam a mais ou menos cinco quilômetros de distância do atual castelo. Carmilla finge um falso entusiasmo pela informação e logo muda de assunto falando

sobre como a lua está esplêndida para um passeio e chama Laura para acompanhá-la.

Então os galanteios recomeçam o jogo de sedução entre as duas, com Laura dizendo como Carmilla é romântica, e está respondendo que somente se apaixonaria por Laura e que, de fato, a ama.

Ela me beijou em silêncio.

– Jamais me apaixonei por quem quer que seja, e jamais me apaixonarei – ela murmurou – a menos que seja por ti.

Como era bela ao luar!

Com um olhar tímido e estranho, apressou-se em esconder o rosto em meu pescoço, entre os meus cabelos, suspirando sofregamente, quase soluçando, e apertando a minha mão com suas mãos trêmulas.

Sua face macia brilhava ao lado da minha.

– Querida, querida – ela murmurou – Vivo em ti; e morrerás por mim; amo-te demais (LE FANU, 2010, 82).

O trecho final pode denotar o ataque que a pobre jovem vai passar a sofrer da vampira sugando-lhe o sangue durante a noite, portanto por isso que Laura morreria, mais necessariamente para ela, pois o sangue de Laura estaria em Carmilla e depois de sua morte elas poderiam desfrutar eternamente desse relacionamento.

Quando entraram foram direto para o salão para se alimentar, mesmo que Carmilla tenha recusado, madame e mademoiselle sentaram com as duas para jogar cartas. O pai chega depois perguntando a Carmilla se ela teria tido notícias de sua mãe, e ela responde que não, porém ele volta a perguntar como enviaria uma carta a ela, mas novamente a resposta foi negativa. Depois Carmilla se faz de modesta dizendo que já estava incomodando demais e que iria pegar uma carruagem e procurar por sua mãe, e que teria uma ideia de onde ela poderia estar, mas que não poderia revelar o local. A reação de Carmilla leva o pai a se desculpar, justificando que só estava preocupado, e reitera que ela é mais que bem-vinda em seu castelo.

Isso lembra uma das mais recorrentes e célebres anedotas que constituem o mito: que o vampiro só tem permissão para entrar nas moradias mediante convite do morador. O uso desse tema enfatiza mais ainda os aspectos manipulativos de Carmilla, pois provavelmente foi tudo uma armação para que ela conseguisse entrar no castelo e rever a jovem Laura: não seria coincidência, Carmilla queria Laura para si desde que a viu na infância.

Naquela mesma noite, as jovens se retiram do salão e vão para o quarto de Carmilla, e Laura volta a fazer perguntas, e no meio das recusas em respostas elucidativas, Laura a questiona sobre confiança e Carmilla a responde mantendo os galanteios:

Fizeste bem em me perguntar isso, ou qualquer outra coisa. Não sabes o quanto te prezo, ou não duvidarias da minha confiança. Mas estou sob juramento, pior do que uma freira, e não me atrevo a revelar a minha história, nem mesmo para ti. Está próximo o momento em que saberás de tudo. Vais me achar cruel, muito egoísta, mas o amor é sempre egoísta; quando mais ardente, mais egoísta. Não sabes como sou ciumenta. Tens que vir comigo, amando-me, para a morte; ou então me odeie, mas vem comigo, e me *odeie* na morte e depois dela. Não existe palavra indiferença na minha natureza apática (LE FANU, 2010, pp. 85-86).

Carmilla, ainda nessa conversa, fala sobre um baile que ela foi há muito tempo e fala ainda sobre sua quase morte, nessa mesma noite, sobre quase ter sido assassinada.

Naquela mesma noite aconteceu algo que tornou o quadro meio confuso, e as cores esmaecidas. Quase fui assassinada, em minha própria cama, ferida *aqui* – ela tocou o seio – e nunca mais fui a mesma.
 – Você esteve à morte?
 – Sim, um amor... muito cruel... um amor estranho, que quase me tirou a vida. O amor exige sacrifício. Não há sacrifício sem sangue (LE FANU, 2010, p. 86).

Seria esse o dia da transição de Carmilla então, ela fala sobre quase morrer, mas provavelmente ela morreu e retornou dos mortos como uma vampira. Ela sentiu as mesmas sensações que provoca em Laura por esse ser que a transformou, o que torna nesse ciclo vicioso de se apaixonar e transformar.

Ainda nessa noite, quando Laura vai dormir, ela acorda de madrugada sem conseguir se mexer e vê algo se movendo ao pé da cama, quando a visão fica mais focada ela identifica o que parece ser um gato monstruoso, com cerca de um metro e meio, que está a lhe observar. De repente ele pula sobre a cama e morde seu peito e logo depois ela acorda em um grito, e nota uma mulher de pé ao lado da cama estática a olhando, porém logo depois ela se movimenta e sai pela porta que foi aberta como mágica. Laura *a priori* acha que se trata de alguma brincadeira de Carmilla, porém quando vai até a porta ela está trancada por dentro. Ela então fica mais apavorada e volta para cama esperando o dia clarear.

No outro dia Laura não tem coragem de falar com o pai sobre isso, porém por madame e mademoiselle terem percebido sua inquietação, ela acaba contando sobre o que aconteceu durante a noite. Porém as duas só serviram para pôr mais medo na pobre moça dizendo que o caminho de flores atrás do quarto de Carmilla é mal-assombrado, dizendo que alguém tinha visto um vulto de uma mulher descer aquela alameda de tílias, duas vezes antes do nascer do sol. Provavelmente esse vulto seria Carmilla voltando depois de se alimentar de alguém do vilarejo próximo.

Quando Carmilla está descendo de seu quarto, Laura fala para não comentarem nada com ela, mas, assim que Carmilla desce ela conta sobre achar que teria visto algo horrível se não fosse o amuleto do andarilho, descrevendo basicamente o mesmo sonho que Laura, porém por ela ter pego o amuleto a figura teria desaparecido, e que se não fosse por ele tinha medo que seria morta pela mesma criatura que tem matado no vilarejo. Laura acaba comentando que isso também aconteceu com ela durante a noite, e então decide sempre dormir com o amuleto desse dia em diante.

A partir daí, a vampira continua lhe sugando a energia vital, e Laura passa a ter noites de sono ininterruptas, porém acordando cada vez mais cansada e melancólica, porém, segundo ela, a sensação chegava a ser prazerosa.

Laura não admitia estar doente e não queria que fosse chamado um médico, e quem estava ao seu lado era Carmilla, pois quanto mais Laura se aproximava da morte, mais bela ficava para Carmilla, já que seu intuito era esse mesmo, que ela morresse para que as duas passassem a eternidade juntas.

Com o passar do tempo, Laura fica visivelmente mais doente, mas quando seu pai percebe e lhe pergunta acerca de seu estado, Laura diz que não está doente, com uma obstinação fruto dos efeitos da vampira em si, de sua manipulação, sedução e feitiçaria, que a estavam fazendo definhando como no processo que ocorre com os pesadelos⁵¹.

Em outra noite Laura acaba acordando durante o sonho e vê Carmilla em pé no seu quarto coberta de sangue, e logo acaba acordando com um grito, e vai imediatamente pedir socorro, achando que Carmilla está sendo assassinada. Madame e mademoiselle a auxiliam na tarefa, porém sem sucesso, é quando Laura pede que

51 Cf. supra p. 35-36.

os criados arrobem a porta do quarto, mas quando fazem isso o quarto está na mais perfeita ordem, porém não há sinal de Carmilla. Provavelmente depois de se alimentar ela não conseguiu voltar de forma imperceptível para seu dormitório.

Quando amanhece, os moradores empreendem uma vistoria por todo o castelo; todos os cantos foram vasculhados, porém, sem sinal de Carmilla. A manhã passou-se nessa angústia, foi somente à tarde que Laura foi ao quarto de Carmilla mais uma vez, e para sua surpresa a encontrou em pé perto da penteadeira, de tanta felicidade Laura a abraça e a beija, logo depois Laura chama os outros para vê-la, ao mesmo tempo que pergunta o que aconteceu, e para se safar Carmilla dá a entender a todos que ela seria sonâmbula e que não lembrava de nada que teria acontecido, somente que acordou dentro do quarto de vestir, então tudo é aparentemente explicado, e não teria nada de sobrenatural. E como Carmilla não queria que ninguém dormisse com ela dentro do quarto o pai resolveu deixar uma criada do lado de fora, para prevenir futuros “surtos de sonambulismo”.

Como Laura não melhorava, o pai achou por bem chamar um médico mesmo sem o conhecimento dela, depois que o médico escutou todo o relato, chamou então o pai para conversar, então dispensaram a madame e o médico disse para mostrar onde Laura sentiu como se agulhas lhe perfurassem a pele, a sensação de estrangulamento e ao mesmo tempo a sensação prazerosa. Quando foi abaixada um pouco a gola de seu vestido foi possível ver a marca azulada, que já sabemos nessas alturas, que é a marca deixada pelo oupire (vampira). O médico afirma que ela provavelmente não corre perigo, mas pede que chame madame Perrodon de volta ao quarto e lhe dá orientações de não deixar Laura sozinha de maneira alguma, que ela fosse observada sempre. O pai ainda pede para que o médico volte a noite para jantar com eles e examinar Carmilla também, já que ela só desce de seus aposentos na parte da tarde, e ela dispõe de sintomas semelhantes ao de sua filha.

Ao mesmo tempo que o pai levava o médico ao seu cavalo, vinha chegando um mensageiro, que trazia consigo uma carta do general Spielsdorf informando de sua chegada. Ele parecia aborrecido pela carta, o que foi notado por Laura, por fim ele diz para ela esquecer o assunto, e diz que vai até Karnstein, que pediu que uma carruagem fosse preparada para Laura e madame Perrodon irem com ele, pois ele tinha negócios a resolver com o padre que lá vivia, além de deixar instruções para que mademoiselle De Lafontaine fosse para lá também com Carmilla quando esta

acordasse, já que Carmilla não conhecia aquela região (mal sabendo ele que Carmilla conhecia tudo pelas redondezas, já que está viva pelo mundo há muitos mais anos do que deveria), e que levasse comida para o piquenique que eles fariam perto das ruínas do castelo dos Karnstein.

Porém, no meio do caminho para Karnstein, eis que eles se encontram com o general Spielsdorf, vindo a cavalo e com seu criado, o general então acabou aceitando o lugar vago na carruagem e acompanhando eles para Karnstein e enviou suas coisas e seu cavalo junto ao criado diretamente para o castelo onde Laura mora.

O general estava muito abatido e com um certo ódio no olhar a respeito da morte de sua filha, e falava sobre se vingar do ser maléfico que a matou, que ia até as ruínas para justamente exumar alguns corpos e por fim livrar o mundo desse monstro – o general já tinha o conhecimento do que fazer, ele sabia que, agora, que estava lidando com uma vampira –, o que fazia com que os presentes nada entendessem de seu devaneio. Contudo, ele se predispôs a contar a história do que tinha acontecido com ele e sua bela filha Bertha.

Ele começa a narrativa falando sobre o convite que ele e sua filha receberam para visitá-lo e que sua filha pudesse conhecer Laura, porém nesse ínterim, os dois foram convidados pelo Conde de Carlsfeld para uma série de bailes que estavam sendo oferecidos em sua homenagem pelo grão-duque. Ele transcorre sobre como tudo estava esplêndido, porém foi no baile de máscara que, segundo o general, começou sua derrocada.

Foi lá que ele encontrou duas mulheres, uma jovem muito bem trajada, que aparentemente observava sua filha, e uma senhora que estava ao seu lado, também bem vestida. Em algum momento, quando descansavam da dança, elas chegaram mais perto, e a jovem foi falar com sua filha e a senhora foi falar com ele, em um tom e desenvoltura de como o conhecesse há muito tempo, o chamando pelo nome, locais em que se encontraram, incidentes que ele nem se lembrava, mas que vinham à mente depois de mencionados.

O general, curioso para saber de onde conhecia a senhora, lhe fazia várias perguntas, das quais ela se esquivava de maneira satisfatória, para o infortúnio do general. Enquanto isso, a jovem, que a senhora chamou de Millarca, sua filha, estava conversando com sua filha, cheia de elogios e gracejos acerca de sua beleza, o que fez que as duas se tornassem amigas rapidamente. Quando Millarca tira a máscara,

tanto o general quanto a filha são arrebatados por sua beleza, e fez com que Bertha sentisse uma forte atração por Millarca e Millarca por ela, esse era o poder de magnetismo e atração de um vampiro.

Spielsdorf continuou a tentar descobrir algo sobre a mulher que o conhecia em demasia, mas a senhora sempre desvia das perguntas.

Então, é na hora da partida que a senhora usa de todo seu poder de persuasão para convencer o general a abrigar sua filha, que ainda se recuperava de uma queda de cavalo e estava com a saúde abalada ainda, durante as três semanas que ela iria ter que viajar o mais depressa possível para resolver questões de vida ou morte, questões essas que prometeu explicar quando fosse buscar a filha. Porém como é de se esperar a explicação nunca viria, pois era tudo um teatro para conseguir a confiança dos dois para que Millarca conseguisse acesso ao castelo do general para que pudesse se alimentar da bela Bertha, coisa que vai fazer posteriormente com Laura também.

A mulher apelou ainda para a honra do general para que aceitasse cuidar de sua filha: a mesma tática já adotada na situação de Laura, pressa, boa conversa, filha doente e o cavalheirismo masculino, além de se aproveitar da jovem que o acompanha, que é o verdadeiro interesse da vampira, para convencê-lo a aceitar o mais rápido possível.

Então o general começa a discorrer sobre a estadia da Millarca em seu castelo, apontando as mesmas características comportamentais de Carmilla, porém foi percebido que ela se ausentava do quarto e era vista pelos jardins do castelo com um aparente destino certo, que também foi justificado pelo sonambulismo, porém isso não explicava tudo para o general, já que a porta continuava trancada por dentro, então como ela sairia mesmo sofrendo do transtorno do sono.

Contudo, o general não teve muito tempo para focar nisso, pois sua querida filha foi acometida por uma doença, que a deixava cada vez mais fraca, com os mesmos sintomas que Laura, pesadelos, vendo o gato monstruoso, uma mulher com a aparência de Millarca etc. Laura, ouvindo esse tempo todo a história do general, se encontrava cada vez mais assustada com os fatos e detalhes idênticos da história contada pelo general e a situação que ela se encontrava agora com sua hóspede Carmilla e sua própria doença.

Quando eles chegam ao terreno dos Karnstein, o general fala sobre eles terem sido uma família perversa e como ele já tinha o conhecimento da vampira, pela sua própria história, comenta ainda sobre eles ainda perseguirem “a humanidade com sua luxúria atroz” (LE FANU, 2010, p. 127). Ele ouve o ruído de um lenhador, e vai procurá-lo para saber onde fica o túmulo de Mircalla, a condessa de Karnstein. O pai de Laura então comenta que tem um quadro da condessa em seu castelo e pergunta se o general gostaria de vê-lo, porém o general diz já ter visto a própria condessa, e que irá decapitá-la seja lá com o que for, o que deixa a todos mais confusos ainda, já que a condessa morrera há mais de um século.

Quando encontram o lenhador ele diz que não sabe identificar os túmulos, mas sabe quem possa fazer, e pede um cavalo e uns trocados para ir buscá-lo, ainda revela sobre as assombrações vampírescas que fizeram o vilarejo ficar abandonado.

– Foi atacado por assombrações, senhor; várias já foram perseguidas até o túmulo, identificadas pelos testes costumeiros e extintas pelos meios de sempre... decapitação, estava e fogo; mas isso só aconteceu depois que muitos habitantes foram mortos.

– Porém, mesmo depois de todas essas providências – ele prosseguiu –, mesmo depois de tantos túmulos abertos e tantos vampiros privados de seu terrível alimento, o vilarejo não se libertou. Mas, um nobre morávio, que por acaso passava por aqui, soube da situação [...] (LE FANU, 2010, p. 129).

Esse mesmo morávio teve a autorização para mudar o túmulo da Mircalla, a condessa de Karnstein, e a localização foi esquecida com o tempo.

Enquanto o lenhador parte em busca do guarda florestal que saberia a localização dos túmulos, o general termina de relatar sua história aos ouvintes. Encontrando-se Bertha cada vez mais fraca, foi chamado um experiente e erudito médico, que entregou uma carta ao general explicando sua opinião acerca do caso: descobriu que o que acometia Bertha era a visita de um vampiro.

Ele afirmava que a paciente sofria em consequência da visita de um vampiro! Os furos que ela dizia terem ocorrido próximos à garganta, insistia o médico, resultavam da inserção de dois caninos longos e finos, como é sabido, típico dos vampiros; e não havia dúvida, ele acrescentava, quanto à presença bem definida da pequena marca, segundo constava, provocada pelos lábios do demônio, nem quanto ao fato de que todos os sintomas descritos pela paciente confirmavam, com exatidão, os sintomas registrados em casos similares (LE FANU, 2010, p. 133).

Mesmo o general sendo um homem cético quanto a presença do sobrenatural, resolveu tomar medidas desesperadas. Então, ele se escondeu dentro do quarto de vestir, aguardando que algo acontecesse, com sua espada em punho, e, para sua surpresa, realmente uma presença sobrenatural adentrou o quarto indo diretamente para cima de Bertha, foi quando ele saiu com a espada em punho, para combater o animal, que depois ele viu se metamorfosear em Millarca. Ele a golpeia com sua espada, porém ela consegue fugir, e infelizmente a pobre Bertha veio a falecer antes do nascer do sol.

Ao fim do relato do general, Laura se encontrava mais assustada, pois o relato se assemelhava mais ainda ao seu caso, ela então ouviu a voz de Carmilla, que em pouco tempo entrou no local ao qual se encontrava Laura e o general, antes mesmo que Laura pudesse falar ou fazer qualquer coisa, o general é tomado pela cólera ao ver Carmilla, que para ele era Millarca, então pega o machado avança para golpeá-la, porém ela desvia com maestria e foge. E finalmente é revelado que na verdade Millarca, Carmilla e Mircalla são a mesma pessoa. Que todos eram anagramas para o mesmo nome, já que segundo algumas lendas, o vampiro não pode mudar seu nome, como acontece com Allucard e Drácula, que são também anagramas.

Chega então o barão Vonderburg, que mais à frente descobrimos que é um descendente do nobre morávio supracitado, por isso ele teria conhecimento para o trato com essas criaturas e onde estaria a tumba da condessa. Então todos eles voltam para o castelo, junto ao padre que morava ali perto, para se prepararem para matar a vampira no dia seguinte, que seria quando o comissário estaria presente, para que tudo fosse feito como manda a lei.

Se o testemunho humano, tomado judicialmente – com todo rigor e o devido protocolo, perante inúmeras comissões, todas contando com a participação de vários integrantes, indivíduos selecionados por sua integridade e seu discernimento, e reunindo depoimentos mais volumosos talvez do que os que versam sobre qualquer outro tipo de caso - tem alguma valia, torna-se difícil negar, ou mesmo questionar, a existência do fenômeno do vampiro (LE FANU, 2010, p. 140).

Foi montada uma vigília em torno do quarto de Laura, para que nada viesse a perturbar durante a noite, e foi assim que a ausência de Carmilla, também significou a ausência da agonia noturna de Laura.

No outro dia, depois de todos os ritos oficiais dentro da capela dos Karnstein, o túmulo foi aberto e encontraram Mircalla lá dentro, com a mesma fisionomia de mais de um século e meio atrás, ela continuava esplêndida e com os olhos abertos, e flutuando dentro de uns vinte centímetros de sangue fresco, os médicos notaram que o corpo ainda tinha batimentos e leves respirações, então é comprovada a realidade da vampira de Karnstein. Com todas as evidências apontando para um caso de vampirismo, o corpo recebeu uma estaca no peito, depois teve a cabeça decepada, de onde ainda jorrou sangue e por último foi queimada até virar cinzas, estas jogadas no córrego depois. Todo esse processo se encontrava com o pai de Laura, que tinha a cópia do relatório da comissão imperial assinado por todos os presentes, dando veracidade ao documento.

Depois de tudo encerrado, o pai de Laura decide por viajar com a jovem por toda a Itália, ficando mais de ano longe, para que o terror daqueles dias fosse pelo menos diminuído de suas lembranças.

Passando à narrativa de ficção contemplada nesse trabalho, e imbricando elementos que se encontram no desenvolvimento do mito do vampiro com as concepções sobre homossexualidade feminina no século XIX, tratadas nos capítulos anteriores, mostra-se a abordagem mais direcionada ao entendimento sobre o romance existente entre Carmilla e Laura, observando a pulsão sexual que há entre as duas, levando em conta a descrição apresentada pelo próprio Le Fanu (LE FANU, 2010, p. 94), que cito:

Outras vezes, parecia que lábios mornos me beijavam, com mais vagar e paixão à medida que se aproximavam de minha garganta [...] Meu coração batia aceleradamente, minha respiração se tornava ofegante; surgia então um soluço, que parecia me estrangular e se transformava numa terrível convulsão, durante a qual eu perdia totalmente os sentidos.

Esse amor retratado entre Carmilla e Laura, ao mesmo tempo prazeroso e doloroso, que une elementos de vida (coração acelerado, respiração ofegante) e morte (estrangulamento, convulsão, perda de sentidos), evidencia uma natureza profana que rompe inicialmente com fatores cristãos, uma vez que procura representar a condição humana pecaminosa que há nessa conjunção homoafetiva, relacionando-a à temática do vampiro, que por si só, já é demoníaca dentro de um imaginário cristão.

Referente a sua capacidade afetiva, compreende-se o vampiro como uma criatura complexa, com sentimentos difusos e tortos por quem deseja. Hegemonicamente masculino, a retratação de um vampiro do sexo feminino enaltece a sua natureza sensual e de uma dominação que era inerente à figura masculina, já que essa era possuidora de mais força, mas nessa relação a situação muda de figura: a vampira (como a mulher “invertida” do século XIX) assume esse caráter dominante do masculino, que acaba rompendo com a conduta que as mulheres deveriam ter na época.

Procurando exemplificar melhor essa condição era imposta as mulheres, temos em Foucault (1988, p. 166) o seguinte trecho:

No processo de histerização da mulher, o “sexo” foi definido de três maneiras: como algo que pertence em comum ao homem e à mulher; ou como o que pertence também ao homem por excelência e, portanto, faz falta à mulher; mas, ainda, como o que constitui, por si só, o corpo da mulher, ordenando-o inteiramente para as funções de reprodução [...] (FOUCAULT, 1988, p. 166).

Toda a condição de representação vampiresca se enquadra, nesse trâmite, como uma ruptura do padrão da mulher ideal, a musa, a fonte de inspiração para amores arrebatadores, mantenedora do estereótipo da princesa, o ser indefeso que precisa ser salva e então deflorada. A vampira que é retratada em *Le Fanu* rompe com esse conceito e se apresenta autônoma e dona de seus sentimentos, a ponto de tomar para si, ainda que vorazmente, em alguns casos, a mulher por ela desejada.

A relação entre Carmilla e o pai de Laura, ao longo da história, também fortalece essa questão. Percebe-se que Carmilla sabia muito bem como manipular o pai como bem quisesse, como também os outros moradores do castelo. O pai nem desconfiava que estaria abrigando o mal debaixo de seu teto, teve sua figura patriarcal praticamente esquecida, Carmilla utilizava de seus artifícios para manipulá-lo e então anulá-lo. De fato, o pai, que é um dos únicos personagens masculinos da novela, tem sua masculinidade apagada diante de Carmilla, quando ela faz o que bem entende e dá as mais diversas desculpas, ou faz discursos para que ele se sinta culpado de todas as perguntas que vem a fazer e aceite, mesmo a contragosto, mantê-la sob seu teto.

Seguindo de modo mais aprofundado nessa análise, observa-se em Beauvoir (1967, p. 156) o seguinte entendimento:

Entre mulheres, o amor é contemplação: as carícias são menos destinadas a se apropriar do outro do que a recriar-se lentamente através dele; a separação está abolida [...] dentro de uma exata reciprocidade cada qual é ao mesmo tempo sujeito e objeto, a soberana e a escrava; a dualidade é cumplicidade.

A descrição apresentada em Simone de Beauvoir (1967) reitera a reciprocidade libertadora existente em uma relação homoafetiva feminina. Pressupõe-se daí a demonização para tal liberdade, tendo em vista que mesmo no contexto em que a narrativa de *Le Fanu* ocorre, se tem o aprisionamento de sentimentos e a criminalização do sexo quando avesso às normas heteroafetivas. A contrariedade desses elementos e de tal excitação segue explicitada por *Le Fanu*, onde é lido:

Eu sentia uma excitação estranha e perturbadora, por vezes, prazerosa, mesclada com uma vaga sensação de medo e certa aversão. Quando tais cenas ocorriam, não me vinham à mente quaisquer pensamentos definidos acerca de minha amiga, mas eu tinha consciência de um afeto que se transformava em veneração – e também de um repúdio (*LE FANU*, 2010, p. 68).

Considera-se que a exposição apresentada por *Le Fanu* denota o desejo de retratação de certa promiscuidade existente na relação entre Carmilla e Laura, tendo como pressuposto o entendimento de que o sentir por si só já representa a profanação da “essência” feminina (e daí seria algo, no fundo, repugnante). Para tanto, considera-se que tal demonstração tende a expor o sentimento aí implícito, como uma personificação pecaminosa que destoa dos ensinamentos e pensamentos cristãos e do moralismo burguês, tão difundidos na época de sua publicação original (1871-1872).

A jovem tinha o hábito de me puxar, com seus lindos braços, pelo pescoço, encostar a face à minha, e murmurar em meu ouvido [...] apertava-me num abraço trêmulo, e seus lábios tocavam meu rosto com beijos delicados [...] eu ansiava por me livrar; mas minha energia parecia se esvaír. As palavras por ela murmuradas soavam em meu ouvido como uma cantiga de ninar, e entorpeciam a minha existência, levando-me a um estado de transe, do qual eu só me recuperava quando ela abaixava os braços (*LE FANU*, 2010, p. 67).

Deste modo, se compreende que a consolidação dessa relação se baseia no desejo que Carmilla tem por Laura, seja somente por ser uma presa, ou fazer dela sua pela eternidade. A relação não é retratada de forma sublime ou permeada pelo

afeto, igual aos contos de fadas e as relações entre príncipes e princesas que estávamos acostumados a ver nos contos épicos. A relação tem caráter profano, e o amor dá lugar ao desejo, entre Carmilla e Laura.

Mesmo a beleza retratada na narrativa (como na descrição de Carmilla feita pela apaixonada Laura, que reproduzimos acima) parece se obscurecer com os desejos e oportunidades de enlace que existe entre as duas. Carmilla, por força de natureza vampiresca a dominadora, deseja e toma para si Laura, com a voracidade que sua natureza requer, ao mesmo tempo em que seduz a garota, que até então não tinha muitos exemplos de interações interpessoais com pessoas fora do castelo. Laura, por sua vez, refém dessa atração avassaladora, mesmo que com relutância por causa de seus instintos lhe alertando que tinha algo de perigoso ali, cede às investidas de Carmilla, chegando a admirar aquela que vem a sugar seu elixir da vida com ferocidade ao mesmo tempo que lhe tem um grande carinho e dedicação durante o dia. A distinção entre “a relação eterna” entre Laura e Carmilla, e as “aventuras amorosas” das outras vítimas da vampira que foram mortas em três dias, também faz da relação lésbica uma espécie de arremedo das convenções da cultura amorosa patriarcal.

A lua, que era responsável pela transformação do homem em lobisomem no mito da licantropia, acaba ocupando outro papel na novela de Le Fanu, o de deixar as criaturas mais convidativas e aumentar suas forças, e realçar o poder ilusionista sobre as vítimas da vampira: quando Carmilla chega ao castelo depois de toda a cena da carruagem, nenhum dos moradores do castelo acha estranho uma mulher chegar, logo depois de um acidente, e pedir que fiquem com sua filha que está mal de saúde enquanto ela tem que viajar urgentemente, sem nem se identificar, ou dar qualquer informação de contato; o pai de Laura aceita a proposta, as pessoas notam mais a beleza de Carmilla do que confiam no que seus instintos estão dizendo sobre o perigo que aquilo representa, como se por ela ser bela não representasse qualquer perigo. Além disso, Laura a acha mais linda ainda na luz do luar, por isso que a lua, segundo Penteado (PENTEADO, 2019), deve exercer um poder sobrenatural na espécie de manipulação da vontade e do livre arbítrio humanos, considerando-se, além disso, a associação ancestral desse corpo celeste ao lado sombrio, noturno, da feminilidade (como na relação com a figura da bruxa, por exemplo).

Laura é a principal vítima desse poder, já que não tinha muitas amigas e tinha até certo ponto uma carência de uma figura feminina; com a chegada de Carmilla, seriam consertar dois ou três problemas pelo preço de um, pois ela vai exercer uma figura de autoridade, de cortejo para com Laura e ao mesmo tempo de amiga de Laura, lhe fazendo companhia, pelo menos nas horas que ela desce de seus aposentos. Carmilla era não somente uma vampira, mas uma mulher forte e determinada que corre atrás daquilo que ela queria, ao mesmo tempo que rompe com o que se espera de uma mulher vitoriana, já que ela era livre das amarras do patriarcado, e ela acaba passando um pouco disso para Laura em seus momentos sozinhas, em que compartilham de mais intimidade.

Carmilla é um símbolo importante do desprendimento do controle dos homens, ela é protagonista de sua própria história, e sem um mestre homem para lhe dizer o que fazer e como agir, no mínimo se ela tiver mestre, seriam a senhora que diz ser sua mãe e a anciã negra que quase ninguém percebe, ou elas seriam somente vampiras unidas, semelhante a um “coven” de bruxas. Penteado (2019) ainda fala sobre o fato da mulher negra, a anciã, ela meio que ser a líder desse “coven”, que ela seria a conselheira das outras duas, uma tutora na arte de sobreviver com essa maldição (algo a que Lecouteux (2005) faz menção também, sobre esse relacionamento se remeter as crenças de bruxas, em que elas eram uma irmandade e dentre elas, uma era a conselheira, no caso a mais forte entre elas, além de cada uma confiar plenamente uma na outra), já que em toda a estadia de Carmilla no castelo, nenhuma das duas foi até lá para lhe dizer o que fazer, o que demonstra que Carmilla, já orientada, ou não, previamente por suas mestras, tinha total autonomia para agir como achasse necessário.

Todas as três tinham um aspecto de nobreza e altivez, que era ao mesmo tempo imponente e também encantador e atrativo – “Havia algo tão distinto e mesmo imponente no semblante e na aparência daquela dama, e algo tão encantador em suas maneiras [...]” (LE FANU, 2010, 53) –, o que lembra novamente a natureza de sedução da vampira: a aparência e a boa conduta são os carros-chefes para fazer com que alguém faça aquilo que não quer fazer, em seguida os poderes místicos e ilusionistas que a lua propícia, já que elas, por serem mulheres, estariam mais ligadas à natureza do que o homem, e com essa conexão ela também se liga à vida e à morte, já que a mulher tem o poder de trazer vidas ao mundo, “a maternidade e essa

subversão do papel da mãe, em que a mesma que deu a vida, termina por destruí-la de alguma forma” (PENTEADO, 2019, p.150). Novamente, assiste-se, aqui, a uma ruptura do que se espera das mulheres na sociedade oitocentista, já que elas são sim ligadas à natureza, ao místico, porém elas são movidas tanto pela razão, já que utilizam dela para se infiltrar nas propriedades, mas também para a escolha de sua vítima.

Com a chegada de Carmilla, ela toma para si o castelo do pai de Laura, sem ele mesmo perceber, fazendo com que toda a história seja feminina agora, entre Carmilla e Laura, até porque nem nome o pai tem, sendo sempre chamado de pai ou pai de Laura, até a mãe de Laura se torna mais atrativa na história já que descobrimos que ela descende dos Karnstein, enquanto o pai é um inglês e ex-soldado. Seria por esse motivo, talvez, a paixão desenfreada de Carmilla por Laura, por elas serem parentes distantes, e em teoria partilharem do mesmo sangue nobre, e justamente o sangue de Laura, sua descendente, ser tão atrativo para ela ao ponto de ela demorar mais para matá-la e a querer por toda a eternidade.

Temos ainda todos os acontecimentos inexplicáveis que se acometem com a chegada da vampira, onde todos se resvalam em explicações rasas e que a todo momento repudiam uma conduta paranormal que poderia estar sendo exercida dentro do castelo e nos arredores, como os pesadelos vividos de Laura, ou elas já terem se visto quando Laura tinha seis anos, ainda dentro do sonho, além do caso de sonambulismo que é a justificativa para que Carmilla desaparecesse, segundo o pai. Ou seja, a atitude de desprezo que eles carregam diante do inexplicável (que pode ser lida, em última análise, como uma crítica, bastante frequente na literatura gótica do século XIX, ao racionalismo iluminista e burguês) pode levá-los a morte, se não fosse o general, que também foi enganado, com as piores consequências, pelos truques do “coven” de vampiras, mas seria aquele que iria abrir os olhos dos outros homens para o que estava acontecendo, para fazê-los ver a natureza indomável, perversa e feroz de Carmilla.

Toda essa natureza indomável de Carmilla se mostra, segundo a mesma, inabalável e indestrutível, como quando ela desdenha dos amuletos que foram oferecidos pelo andarilho a ela e Laura, onde ela diz que o amuleto criado pelo homem não tem nada de milagroso, mas é extremamente natural.

[...]você acredita que espíritos do mal se assustam com pedacinhos de fita, ou com perfumes criados no laboratório químico? Não, essas enfermidades, vagando pelo ar, começam a afetar os nervos, e depois infectam o cérebro; porém, o antídoto as repele, antes que consigam nos agarrar. Estou certa de que foi isso que o antídoto fez por nós. Não é nada mágico; é absolutamente natural (LE FANU, 2010, p. 93).

Expondo, assim, a superioridade de sua “natureza”, que aquilo criado pelo homem não teria efeito contra sua força vampírica. Assim, a natureza implacável do vampiro seria análoga à natureza em si: quando ela argumenta com o pai, a figura masculina temente a Deus, ele diz que Deus vai salvá-los de todo esse mal decorrente da praga, que tudo acaba bem para aqueles que são tementes a Deus, já que ele é seu criador, porém Carmilla rebate que Deus não teria esse poder, já que a praga vem da natureza e a natureza é implacável, a natureza que controla tudo que existe entre o céu e a terra, ela que cria e que leva.

Tudo de Carmilla faz e é, é considerado uma ofensa à sociedade vitoriana, não só por sua natureza monstruosa diretamente ligada a ela ser uma vampira, mas como também ela ser uma mulher forte, independente e homossexual, então ela teria que ser destruída, ainda mais por ter tal envolvimento com a descendente de uma família nobre, já que as pessoas não ligavam quando eram as camponesas, mas a filha do dono do Castelo é outra história, a moral muda, passa a se ter dois pesos e duas medidas, a vida de Laura passa a ser mais importante que as das demais que já se foram. Carmilla foi o mal que contaminou uma ingênua família tradicional vitoriana e católica, que queria levar Laura não só a morte, mas manchar sua vida, a transformando em umalésbica, onde elas, além disso, não precisariam viver à sombra de um homem para existirem.

Com a evidente anulação do patriarcado que Carmilla provoca, ao se impor diante dos personagens masculinos da novela, a caça à sua figura ao final do romance (por um grupo de homens) foi sobretudo uma alegoria a uma retomada do patriarcado pelos homens nobres e de “boa índole”, ainda mais reforçada na forma em que Carmilla é levada a morte, quando os homens agem “respaldados” pelas suas leis e pelas leis de Deus, quando eles agem de modo legal perante a lei, fazendo com que eles retomem sua masculinidade que foi danificada pelas ações invertidas de Carmilla, e que mostrem uma superioridade inexistente que teriam sobre ela, além de uma desforra contra a mesma, já que foram diminuídos e enganados por uma mulher.

São muitos os contextos e nuances dessa relação. Obviamente Carmilla, representando aí uma força sombria que ruiu em favor de uma força moral dos “homens de boa fé”, o que compeliu a narrativa para a purificação, com estaca, decapitação e incineração, como de praxe, para que assim se livrassem do mal não só do vampiro mais do desvio de moral e comportamento que Carmilla representa. No começo deste romance é claro que esperamos que por Carmilla ser uma vampira ela irá sucumbir, porém ela foi durante toda a história contada justamente com uma certa identificação com as mulheres transgressoras do século XIX, porém, essa força e revolta contra o patriarcado são suprimidas, e meio que tudo que ela viveu com independência foi suplantado pelos homens, o que poderia ser diferente se fosse uma autora que tivesse escrito: tendo sido um homem, acredito que ele deu um gostinho de liberdade e força para a figura feminina e depois a fez morrer, nos lembrando que a luta por direitos iguais é realmente muito antiga e que ela era reprimida sempre que possível. Exige-se muita resiliência para continuar nessa luta, pra continuar nadando contra a maré, mas nos dias atuais essa luta felizmente possui muito mais lutadoras e apoios, o que não a torna mais aceita, mas ela possui mais visibilidade, mesmo que nem todas possam ver e nem se beneficiar dos frutos dessa luta. Mesmo com tudo isso, é possível ver na história que sua conduta forte e autônoma, as vezes vista como agressiva por alguns, pende para o esplendor de características intensas e deveras poéticas sobre a homossexualidade feminina, e sobre a origem de seus desejos e anseios.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender o que há entre Carmilla e Laura como sendo de natureza pecaminosa ou vil, é somente uma ratificação do fundamentalismo que ecoa socialmente, e que por meio de uma necessidade de enquadramento social, enseja a repugnância presente nesse relacionamento como imoral, atípico e imundo.

Ao se alcançar o fim desse trabalho, é pertinente que se reitere a importância de se contemplar, do ponto de vista analítico, a natureza e essência da obra. Sendo um clássico, é válida a revisitação ao enredo articulado e complexo de *Le Fanu*, onde se tem retratada a natureza feminina de uma forma que destoa das abordagens sublimes e passivas do feminino, mais frequentes na literatura do século XIX.

Mesmo assim, é pertinente reiterar que a validação de uma postura como a de Carmilla, faz refletir sobre a natureza e romance feminino, em que a mulher, dona de si e de suas vontades, busca para si a sua satisfação. Talvez, em decorrência do absurdo dessa vontade, tenha se tornado viável a sua demonização, sendo essa representada de forma vampiresca, associando a sua imagem a uma figura mítica que naturalmente reforça suas qualidades de autonomia e liberdade sexual.

No que se denomina seu romance com Laura, Carmilla, agindo de forma autônoma, valendo-se de sua natureza vampiresca, revela sua beleza e seu desejo, e “presenteia” sua escolhida com seus beijos sanguinários que a excitam e roubam-lhe a preciosa vida paulatinamente.

Decerto é uma obra que faz refletir, que torna mais aguçada a percepção sobre o romance homossexual, e faz contrapor os questionamentos apontados no livro, e seu contexto histórico de referência, com as situações que se tem no contexto moderno. Trata-se de uma novela atemporal que, mesmo sendo gótica, traz dosadas as investidas de desejo e sensualidade, contracenando com a morbidade das cenas em que o vampirismo ecoa.

REFERÊNCIAS

CORBIN, Alain. O encontro dos corpos. In: VVAA. **História do corpo. Da Revolução à Grande Guerra**. Trad. João Batista Kreuch e Jaime Clasen. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012. pp.181-266.

DAVIDOFF, Linda. **Introdução a Psicologia**. São Paulo: Pearson Makron Books, 2011.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução de Sérgio Milliet. 4ª ed. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1967. vol.2.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade**. Vol. 1: A vontade de saber. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRANCO, Vera Lúcia. **Homossexualidade – além das teias do preconceito**. Recuperado de: <http://istoe.terra.com.br/planetadinamica/site/reportagem.asp?id=146>. Acesso em: 21/02/2021.

HELENA, Maria. Amizade feminina, identidade e lesbianismo no século 19. Recuperado de: <https://eravitoriana.wordpress.com/2018/03/09/amizade-feminina-identidade-e-lesbianismo-no-seculo-19/> Acesso em: 02/02/2021.

LE FANU, Joseph Sheridan. **Carmilla - A vampira de Karnstein**. Tradução José Roberto O'Shea. São Paulo: Hedra, 2010.

LECOUTEUX, Claude. **História dos vampiros**. Autópsia de um mito. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Unesp, 2005.

MOTT, Luiz. **Homossexualidade: Mitos e Verdades**. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2013.

PENTEADO, Marina Pereira. Mulheres monstruosas: o octônico e o selvagem em Carmilla, de Le Fanu. **Revista Abusões**, n. 09, v. 09, ano 05, 2019. pp. 145-165.

PERROT, Michelle (org). **História da vida privada, 4: Da revolução francesa à Primeira Guerra**. Tradução Denise Bottmann, Bernardo Joffily. 1ª ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

RAUPP, Roger Rios. **A Homossexualidade no Direito**. 1ª ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2011.